



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUANA DOS SANTOS FREIRE

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO FILME “HOMEM-ARANHA NO
ARANHAVERSO” (2018)**

**CAMPINA GRANDE - PB
2023**

LUANA DOS SANTOS FREIRE

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO FILME “HOMEM-ARANHA NO
ARANHAVERSO” (2018)**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, *Campus I*, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Me. Senyra Martins Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866r Freire, Luana dos Santos.
Representatividade negra no filme "Homem-Aranha no Aranhaverso" (2018) [manuscrito] / Luana dos Santos Freire. - 2023.
61 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "
1. Representatividade negra. 2. Estudos culturais. 3. Análise fílmica. 4. Homem-Aranha. I. Título
21. ed. CDD 791.437

LUANA DOS SANTOS FREIRE

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO FILME “HOMEM-
ARANHA NO ARANHAVERSO” (2018)**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Nota: 10,00 (Dez)

Aprovada em: 29/06/2023.


BANCA EXAMINADORA



Profa Me. Senyra Martins Cavalcanti
(Orientadora) Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 PATRICIA CRISTINA DE ARAGAO
Data: 29/06/2023 22:20:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, pois graças a sua dedicação e apoio posso concluir mais um ciclo da minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por sempre ter me guiado e fortalecido durante toda a minha vida, principalmente nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, por todos os esforços dedicados a mim e aos meus estudos, em especial a minha mãe, que sempre acreditou no meu potencial e sempre me encorajou a enfrentar os desafios da jornada acadêmica e profissional.

Aos meus irmãos, Iara e William, por compartilharem do mesmo carinho por desenhos animados, filmes, super-heróis e músicas, entre outros, e por me proporcionarem leveza em momentos de angústia, além de sempre acreditarem em mim e me incentivarem durante a minha formação acadêmica. Vocês me completam.

Aos meus amigos, que me incentivam e torcem pelo meu sucesso, e que compreendem meus momentos de ausência.

À minha orientadora, a professora Me. Senyra Martins Cavalcanti, por sua disponibilidade, paciência e dedicação. Obrigada por sua compreensão e auxílio para a realização deste trabalho.

Agradeço às Professoras Dras. Maria do Socorro Moura Montenegro e Patrícia Cristina de Aragão, pela disponibilidade para compor a banca examinadora.

Aos meus colegas de sala pelos bons momentos de amizade.

RESUMO

A reflexão sobre a representatividade negra no cinema contribui para a compreensão da desigualdade social como um todo, observando que símbolos e significados imagéticos não são elaborados distante da cultura que os produz. Assim, este trabalho pretende reconhecer o filme *Homem-Aranha no Aranhaverso* (Dir. Bob Persichetti, Peter Ramsey e Rodney Rothman, 2018) enquanto possibilidade de representatividade negra no cinema. Para alcançar nossos objetivos, abordamos as contribuições dos Estudos Culturais como campo que articula identidade, cultura e educação; refletimos sobre o papel da representatividade negra no audiovisual, mais destacadamente visando identificar estereótipos em produções fílmicas e destacando filmes que se contrapõem aos padrões de desigualdade racial presentes na sociedade; e examinamos a representatividade negra na cultura de massas a partir do personagem Homem-Aranha. A metodologia utilizada foi a de análise qualitativa das imagens fílmicas e, para dialogar com a temática, baseamo-nos nos aportes teóricos de Almeida (2019), Hall (1997), Campbell (1949), Costa, Silveira e Sommer (2003), dentre outros. De ponto de vista dos resultados, concluímos que os produtos da cultura popular, como as produções fílmicas, estão diretamente relacionados às questões de representatividade negra no cinema e—à construção de identidades ativas em jovens e consumidores deste universo de imagens, gerando um impacto em jovens e adultos em relação à questão de identificação social.

Palavras-chave: Representatividade negra. Estudos Culturais. Análise Fílmica. Homem-Aranha.

ABSTRACT

A reflection on black representation in cinema contributes to the understanding of social inequality as a whole, noting that symbols and imagery meanings are not elaborated far from the culture that produced them. Thus, this work intends to recognize the film Spider-Man in the Spider-Verse (Dir. Bob Persichetti, Peter Ramsey and Rodney Rothman, 2018) as a possibility of black representation in cinema. To achieve our objectives, we approach the contributions of Cultural Studies as a field that articulates identity, culture and education; we reflect on the role of black representation in the audiovisual, seeking more clearly to identify stereotypes in film productions and highlighting films that oppose the patterns of racial inequality present in society; and we examined black representation in mass culture from the Spider-Man character. The methodology used was the qualitative analysis of filmic images and, to dialogue with the theme, we based ourselves on the theoretical contributions of Almeida (2019), Hall (1997), Campbell (1949), Costa, Silveira and Sommer (2003), between others. From the point of view related to the results, we conclude that popular culture products, such as film productions, are directly related to issues of black representation in cinema and the construction of active identities in young people and consumers of this universe of images, generating an impact on young people and adults regarding the issue of social identification.

Keywords: Black representativeness. Cultural Studies. Film Analysis. Spider-Man.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz de divulgação do filme <i>Marte Um</i> (Dir. Gabriel Martins, 2022)	25
Figura 2 – Revista <i>Amazing Fantasy Vol.1 #15</i> , arte por Jack Kirby e Steve Ditko (1962)	26
Figura 3 – Esboço feito por Steve Ditko para a revista <i>Amazing Fantasy Vol.1 #15</i>	28
Figura 4 – Mulher-Aranha contra o vilão Abutre na HQ <i>Spidey Super Stories #6</i>	31
Figura 5 – Página da HQ <i>Spidey Super Stories #6</i> , Valerie adapta traje	32
Figura 6 – Famoso meme do Homem-Aranha retirado da animação Spider-Man (1967-70)	34
Figura 7 – Desenho animado Marvel’s Spider-Man, com os personagens Miles Morales, Gwen Stacy e Peter Parker	35
Figura 8 – Pôster de divulgação do filme <i>Homem-aranha No Aranhaverso</i> (2018)	37
Figura 9 – Miles conversa com seu pai no trajeto para o colégio	43
Figura 10 – Miles e seu tio Aaron, admiram o Grafite	44
Figura 11 – Miles e Peter B. Parker com seus respectivos “trajes”	48
Figura 12 – Miles sob a pressão dos heróis	51
Figura 13 – Miles sente que é o Homem-Aranha	53
Figura 14 – Miles e seu pai admiram grafite em homenagem a Aaron Davis	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DESENVOLVIMENTO	11
2.1	Estudos Culturais e educação	11
2.2	O que é representatividade?	16
2.2.1.	<i>Por que se ver na tela importa?</i>	17
2.3	Homem Aranha:	26
2.3.1	<i>Homem Aranha na cultura pop do século XX: Onde tudo começou</i>	26
2.3.2	<i>Homem Aranha: Entre HQ e cinema</i>	30
2.3.3.	<i>Histórico do personagem até Miles Morales</i>	38
2.4	Descrição densa e análise de sequências selecionadas	41
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa monográfica, apresentaremos um olhar voltado à questão da representatividade no filme *Homem-Aranha No Aranhaverso* (Dir. Bob Persichetti, Peter Ramsey e Rodney Rothman, 2018), que adapta, para as telas do cinema, em formato de animação, a história de origem do clássico personagem de histórias em quadrinhos: o Homem-Aranha.

O filme referido destaca-se por sua qualidade enquanto animação, bem como pelas características de seu personagem principal, Miles Morales, um adolescente negro e de ascendência latina, características que raramente estão associadas aos personagens protagonistas e/ou heróis em grandes produções fílmicas, desenvolvendo, desse modo, a perspectiva da representatividade em um contexto ainda com pouca exploração. Sob esse panorama, Almeida (2019, p. 68) afirma que “[...] a representatividade é sempre uma conquista, o resultado de anos de lutas políticas e de intensa elaboração intelectual dos movimentos sociais que conseguiram influenciar as instituições.” (ALMEIDA, 2019, p. 68).

A falta de representatividade é um assunto que tem urgência em ser discutido, bem como as pequenas conquistas de representatividade que precisam ser destacadas. Partindo desta perspectiva, esta pesquisa se apresentou com o objetivo de reconhecer a relevância do filme *Homem-Aranha no Aranhaverso* (2018), direcionada à questão da representatividade negra no cinema. Sob essa perspectiva, a pesquisa tem os seguintes objetivos específicos: discutir o conceito dos Estudos Culturais e sua relação com a educação; refletir o papel da representatividade no cinema; e compreender a trajetória do alter ego Homem-Aranha até o surgimento do personagem negro Miles Morales.

Nessa direção, classificamos a pesquisa como de natureza qualitativa de método bibliográfico, pois nos valem de um produto da cultura pop específico para abordagem do tema proposto, com base em estudos prévios. Como metodologia de análise de dados, utilizaremos a descrição densa e análise de sequências a partir da reprodução do filme visando identificar as sequências mais pertinentes, de modo a analisá-las de forma articulada com a discussão teórica.

A partir do desenvolvimento dos objetivos citados, será possível entender as razões do surgimento dos Estudos Culturais na década de 1960 e das contribuições de autores para a efetivação desses estudos no que concerne à cultura e às relações culturais dos indivíduos em sociedade, identificando a educação como uma de suas áreas.

Nesse contexto, também entendemos que é importante definir o conceito de representatividade, bem como refletir sobre o seu papel no audiovisual e sua relevância na luta das pessoas negras dentro de um contexto mais amplo de apropriação político-cultural, de modo que seja possível identificar estereótipos propagados ao longo do tempo em produções fílmicas, além de destacar filmes que se contrapõem aos padrões de desigualdade racial presentes na sociedade.

Assim, empregamos o conceito de representatividade, de Almeida (2019); identidade cultural na pós-modernidade, de Hall (1997); mito e jornada do herói, de Campbell (1949); Estudos Culturais como campo do conhecimento, a partir de Costa, Silveira e Sommer (2003), em conjunto, para compreender a trajetória do alter ego do “Homem-Aranha” neste momento em que é apresentado como um jovem negro. Através do percurso desse personagem dentro da cultura de massas, quando evolui de um personagem padrão, branco, jovem e urbano, até o nascimento do personagem Miles Morales, um jovem negro, poderemos conhecer o desenvolvimento e a sua adaptação para o cinema, retratando a construção da sua jornada heroica.

Para apresentar nossas reflexões, este texto monográfico organiza-se em, além desta introdução e das considerações finais, um capítulo geral abordando perspectivas teóricas e analíticas, subdivididas em tópicos e subtópicos. Neste capítulo geral, abordamos o desenvolvimento dos subtópicos sobre Estudos Culturais e educação, representatividade negra e a importância de se ver na tela. Em seguida, apresentamos o personagem Homem-Aranha e a sua trajetória das Histórias em Quadrinhos (HQs) ao cinema. Depois, procedemos a uma descrição densa das imagens e análise de sequências fílmicas. Finalizamos com as considerações finais e a listagem de referências que ancoram nossas reflexões e proposições.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Estudos Culturais e educação

Os Estudos Culturais ocupam-se de investigar de forma interdisciplinar os diferentes aspectos de cada cultura e das relações interculturais na sociedade. Essa área de estudos nasceu por volta da década de 1960, através das obras: “Culture and society”, de Raymond Williams (1958), “The making of the english working-class”, de E. P. Thompson (1963), e “The uses of literacy”, de Richard Hoggart (1957).

Hoggart, por sua vez, fundou, em 1964, o *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS). O CCCS seria, então, o ambiente no qual seriam esboçadas as primeiras reflexões desse campo de pesquisas.

Na segunda metade do século XX, Williams e Thompson contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento dos Estudos Culturais como campo de pesquisa. Conforme destaca Escosteguy (1998), mediante o emprego de uma metodologia qualitativa, Hoggart pesquisava os materiais culturais da cultura popular e dos *massmedia*, evidenciando que o popular está “para além” de apenas ser uma área da cultura submissa às tradições elitistas, voltando-se e constituindo-se, portanto, como uma resistência.

Quanto a Williams, sua contribuição se fez importante para os Estudos Culturais justamente a partir da obra “*Culture and society*” (1958). Na obra, Williams sugere um olhar renovado sobre a história literária, apresentando a esfera cultural como sendo determinante tanto para a compreensão literária quanto para os estudos voltados à sociedade.

Thompson, por sua vez, entende a cultura “enquanto uma luta entre modos de vida diferentes” (1998, p. 89), algo como um choque de realidades e saberes distintos que possuem suas especificidades e disputam por espaço e visibilidade em sociedade.

É indispensável mencionar, também, Stuart Hall como pesquisador nas áreas dos Estudos Culturais. Hall, entre 1969 e 1979, assumiu a direção do Centro de Birmingham e foi o responsável por fomentar o “desenvolvimento de estudos etnográficos, análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de subculturas” (1998, p. 89). Em suas pesquisas, Hall refere-se à questão cultural e suas múltiplas facetas, analisando o modo como os indivíduos incorporam e reproduzem a cultura, buscando compreender a relação entre cultura e sociedade.

Segundo Escosteguy (1998), os Estudos Culturais possuem um caráter político, uma vez que tentam constituir-se como um projeto com tal característica, configurando-se como uma luta política cultural em que busca apoderar-se na esfera político-social.

Os Estudos Culturais também buscam apoderar-se do campo teórico, com o objetivo de construir um novo campo de pesquisas, talvez motivado pela insatisfação com os limites de algumas disciplinas acadêmicas, consideradas demasiado limitadas e restritas. Desse modo, a interdisciplinaridade é almejada pelos Estudos Culturais, de modo que passam a aproximar distintas disciplinas, como, por exemplo, comunicação, sociologia, teoria social, teoria da arte, teoria literária, cinema, psicologia, ciência política, antropologia cultural, filosofia, dentre outras.

A adoção da perspectiva interdisciplinar pelos Estudos Culturais implicou investigar as diferentes culturas e conhecer como as identidades culturais são construídas e organizadas em comunidades multiculturais.

Por tudo o que mencionamos acima, os Estudos Culturais vão de encontro ao campo das práticas sociais e dos processos históricos, com o objetivo de verificar os produtos da cultura popular e dos meios massivos, transformando-os em objetos de pesquisa com validade acadêmica. Tal procedimento permite compreender a cultura contemporânea através das estruturas sociais, seus contextos sócio-históricos e mudança de sentido da cultura em uma sociedade em constante transformação. Para tanto, utiliza-se, segundo Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 37) [...] “da etnografia, da análise textual e do discurso, da psicanálise e de tantos outros caminhos investigativos que são inventados para poder compor seus objetos de estudo e corresponder a seus propósitos”.

Ao longo de sua trajetória desde a criação do Centro de Birmingham até a sua internacionalização, os Estudos Culturais ganharam novos contornos. Os Estudos Culturais partiram de um enfoque calcado nos consumos mediáticos da população britânica, convergindo, mais tarde, com os estudos feministas (despertando novos olhares para as questões de identidade) e, posteriormente, com as questões de gênero, raça e etnia. Depois, convergiu para as discussões relativas à globalização, à força das migrações e “ao papel do Estado-nação e da cultura nacional e suas repercussões sobre o processo de construção das identidades”, propostas por Hall (1998, p. 94).

Na perspectiva apontada no parágrafo anterior, observamos a cultura, à época, intrinsecamente ligada aos Estudos Culturais. A cultura é o ponto de partida para inquietações e reflexões sobre aspectos das produções culturais dos grupos que constituem a sociedade, na

perspectiva de confrontar tradições classistas. Como afirmam Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 37):

Desde seu surgimento, os EC configuram espaços alternativos de atuação para fazer frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre *alta cultura* e *cultura de massa*, entre *cultura burguesa* e *cultura operária*, entre *cultura erudita* e *cultura popular*. [...] ao primeiro termo corresponderia sempre a cultura, entendida como a máxima expressão do espírito humano; segundo a tradição arnoldiana, “o melhor que se pensou e disse no mundo”. Ao segundo termo corresponderiam as *[outras] culturas*, adjetivadas e singulares, expressão de manifestações supostamente menores e sem relevância no cenário elitista dos séculos XVIII, XIX e XX. [Grifos dos autores]

Para a elite, o que se observa em relação à cultura, é que se constituía em um meio de imposição, de relevância e de autoafirmação. Como detentores do saber e da “verdadeira cultura”, a elite se caracteriza por ter uma visão exclusivista da cultura. Enquanto que, para os Estudos Culturais, os mecanismos de luta de política, de significação, de resistência, de reflexão e de oposição passam por questões culturais.

Durante a Revolução Cultural dos anos 60 do século XX, ocorreu a expansão e a diversificação da cultura, surgindo a exigência de que a cultura pudesse “ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo que está associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social”. (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p. 38). Assim, os pesquisadores poderiam analisar todas as transformações ocorridas na sociedade e seus impactos, uma vez que a cultura faria frente “à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais.” (HALL, 1997, p. 17).

Hall (1997) enfatiza, também, o processo de expansão resultante dos avanços das tecnologias da comunicação e da revolução da informação no cenário mais amplo da expansão dos meios de produção, circulação e troca cultural. O mesmo autor (1997, p. 17) ainda evidencia a mídia como sendo “ao mesmo tempo, uma parte crítica na infraestrutura material das sociedades modernas e um meio através do qual ideias, imagens, entre outros circulam com maior urgência”. É a partir dos avanços mencionados acima que as revoluções da cultura impactam os modos de vida das pessoas.

Ainda sobre a cultura, Stuart Hall destaca a tendência de “homogeneização cultural”, resultante do intenso compartilhamento, importação e disseminação de comportamento e cultura por meio da mídia. A homogeneização cultural, potencialmente, poderia ocasionar a perda da identidade cultural dos indivíduos em relação aos seus grupos de pertencimento. Particularidades como costumes, ideias e/ou valores, se transformados, podem ocasionar

distanciamentos. Entretanto, Hall (1997) discorre que a revolução cultural possui característica de distribuição irregular e que, portanto, não ocorreria de forma tão radicalizada e/ou fixada a ponto de ser um risco grave à identidade cultural dos indivíduos. Tal processo pode, sim, apresentar características negativas nos modos de vida e nos ritmos de desenvolvimento de determinadas comunidades. Assim,

A cultura global necessita da "diferença" para prosperar - mesmo que apenas para convertê-la em outro produto cultural para o mercado mundial (como, por exemplo, a cozinha étnica). É, portanto, mais provável que produza "simultaneamente" *novas* identificações (HALL, Ibid.) "globais" e novas identificações locais do que uma cultura global uniforme e homogênea. (HALL, 1997, p. 19).

Pela citação acima, percebemos a cultura como um conceito complexo e de amplas possibilidades que está ligado aos Estudos Culturais, sendo alvo de problematizações para a teoria cultural. Ainda nessa perspectiva, Silveira, Costa e Sommer (2003, p. 36) comentam que a

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – *culturas* – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, típico produto da indústria cultural ou da sociedade techno contemporânea, bem como às culturas juvenis, à cultura surda, à cultura empresarial, ou às culturas indígenas, expressando a diversificação e a singularização que o conceito comporta.

Pela citação acima (2003), observamos a cultura como uma manifestação heterogênea, personalizada e significativa, que não se resume unicamente a uma sabedoria recebida, a uma experiência passiva ou ainda a um suposto nível inalcançável de patamar elitista e segregacional em relação ao popular. A cultura, em contrapartida do dito convencional, pode ser percebida como uma concepção de intervenções diversificadas e ativas que constroem as múltiplas identidades culturais nos diferentes âmbitos contemporâneos em que sujeitos concretos vivem.

A concepção de cultura a que nos referimos tem, portanto, um lugar garantido como um instrumento indispensável de pesquisa para os Estudos Culturais.

Ainda no tocante aos Estudos Culturais, é interessante ressaltar a questão da educação. Segundo Silveira, Costa e Sommer (2003, p. 37), os Estudos Culturais surgem mediante a movimentações de certos grupos sociais interessados em uma educação de livre acesso a

partir de uma cultura de oportunidades democráticas, através da qual pudessem ter suas especificidades, seus valores, seus conhecimentos de mundo e interesses valorizados.

Esperava-se que houvesse um intenso debate sobre a relação educação e Estudos Culturais. Entretanto, tivemos que esperar o ano de 2003 para a realização da “*IV Internacional Crossroads in Cultural Studies Conference*”¹. Esta conferência teve o propósito de constituir-se de um fórum aberto às temáticas que pudessem interessar a diversificada “comunidade” dos EC e nela verificar os impactos e apontar demandas e dificuldades da relação entre escola, cultura, educação e estudos culturais em painéis e propostas de debates (SILVEIRA, COSTA E SOMMER, 2003, p. 53).

Conforme apontam Silveira, Costa e Sommer (2003, p. 54), é possível projetar os estudos culturais em educação como partilha de entendimentos, de conceitos-chave e “formas de olhar” que emprestam às áreas das humanidades, da comunicação, da literatura, bem como à educação, um entendimento de forma mais aprofundada dos elementos, sujeitos e fronteiras que a constitui, através de uma abordagem em primeiro plano do campo pedagógico para as questões de cultura, identidade, discurso e representação.

No cenário brasileiro, as contribuições dos Estudos Culturais para a educação concentram-se em proporcionar a

[...] extensão das noções de educação, pedagogia e currículo para além dos muros da escola; a desnaturalização dos discursos de teorias e disciplinas instaladas no aparato escolar; a visibilidade de dispositivos disciplinares em ação na escola e fora dela; a ampliação e complexificação das discussões sobre identidade e diferença e sobre processos de subjetivação. (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003, p. 56).

Estas diferentes abordagens dos Estudos Culturais apontam para discussões relacionadas aos diferentes âmbitos escolares, ressaltando ao mesmo tempo os aspectos da educação. Segundo Aranha (2006, p. 31), este é um processo que está para além de uma “simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho”. Por conseguinte, gera-se um processo da ação pedagógica, que, por sua vez, estabelece uma relação de reciprocidade entre indivíduo e sociedade.

¹ Conferência realizada em Tampere, na Finlândia, em julho de 2002.

2.2 O que é representatividade?

Quando discutimos sobre a representatividade, estamos abrindo espaço para refletir e entender como os grupos sociais têm a sua imagem representada nos diversos meios de comunicação audiovisual, e como estes mesmos grupos identificam-se a partir de produtos audiovisuais. Para tanto, precisamos primeiro entender o que é representatividade.

Silvio Almeida (2019) define a representatividade como "participação de minorias em espaço de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia" (2019, p. 67). Neste sentido, a questão da representatividade está diretamente relacionada à posição que as minorias ocupam dentro de determinados espaços da sociedade.

Para Almeida (2019), a representatividade pode ainda ter dois efeitos essenciais no combate à discriminação, sendo eles:

1. propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas, especialmente quando a liderança conquistada for resultado de um projeto político coletivo; 2. dismantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade. Isso pode servir para que, por exemplo, mulheres negras questionem o lugar social que o imaginário racista lhes reserva. (ALMEIDA, 2019, p. 68)

Pela citação acima, compreendemos a representatividade como esta ferramenta de combate aos padrões discriminatórios presentes na sociedade, e que, no tocante às produções audiovisuais, também refletem ideias estereotipadas sobre as minorias. Entendemos que a abertura desse espaço político para repercussão das reivindicações das minorias, como mencionado pelo autor (2019), abrange, por exemplo, as produções para o cinema e meios televisivos, uma vez que ambos, ainda na atualidade, propagam narrativas discriminatórias referentes às minorias.

No entanto, para Almeida (2019),

- A representatividade, insistimos, não é necessariamente uma reconfiguração das relações de poder que mantém a desigualdade. A representatividade é sempre institucional e não estrutural, de tal sorte que quando exercida por pessoas negras, por exemplo, não significa que os negros estejam no poder. (ALMEIDA, 2019, p. 69)

Pela citação acima, entendemos que quando um sujeito pertencente a uma minoria social e está em uma posição de representatividade, isto não significa que este indivíduo irá fazer uso de sua posição para evidenciar as questões de igualdade racial ou sexual referente ao

grupo ao qual pertence. Algo semelhante ao que observamos acontece, por exemplo, em alguns filmes que têm como protagonistas personagens negros. Ainda que estes personagens estejam inseridos neste grupo racial e em um papel de destaque, são frequentemente retratados de forma estereotipada ou têm suas vivências invisibilizadas.

Destacamos também que a representatividade está para além da presença de minorias. Em espaços de poder, a representatividade implica também na construção identitária de um sujeito social. Como aponta Hall (2006, p. 6), “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Logo, os modos pelos quais as minorias foram e são representadas podem afetar a construção da identidade individual do sujeito.

2.2.1. Por que se ver na tela importa?

A escassez de representatividade e/ou reconhecimento das diferenças étnico-raciais nos diversos âmbitos da cultura pop e do audiovisual não é um fato novo. Na indústria cinematográfica, especialmente, essa escassez é um problema que perpassa todas as esferas da produção fílmica. Atuação, direção e até mesmo o roteiro carecem de representatividade.

Viana (2021) aponta que uma das grandes frentes de discussão e luta por representatividade nas práticas culturais pode ser encontrada na indústria cinematográfica. Os movimentos sociais negros e o chamado Cinema Negro levantam questionamentos como o da importância de o povo negro ocupar cada vez mais espaços culturais e se tornarem “visíveis”. Para entendermos melhor tal questão, é preciso voltar um pouco no tempo, mais especificamente, para a origem do Cinema Negro em si.

Segundo Bittencourt (2020), o cinema surge em meados de 1895, em Paris, enquanto que o cinema negro começou a ser produzido em 1905 nos Estados Unidos. Voltado diretamente ao público afro-americano, o cinema negro veiculava produções variadas, que iam desde dramas até as comédias e suspenses, apresentando temáticas e histórias com personagens afrodescendentes como figuras multidimensionais de forma a fugir dos estereótipos. O cinema negro ia na contramão do que os filmes do cinema clássico hollywoodiano propunham.

Um exemplo da falta de representatividade e exclusão no cinema são as representações caricatas de personagens afrodescendentes no início do século 20. Conhecidas como *blackface*, eram produções que consistiam em atores brancos com maquiagem escura

sobre o rosto para imitar o tom de pele negro. Os personagens negros, nestes filmes, eram frequentemente retratados com arquétipos brutos, selvagens, primitivos, objetos de violência, dentre outras.

Um exemplo desse contexto está na produção de 1939, com a personagem Mammy no filme *E o Vento Levou...* (Dir. Victor Fleming, 1939), interpretada por Hattie McDaniel, que ganhou papel de destaque no longa. No entanto, a intolerância cometida contra negros não permitiu que a atriz estivesse presente na estreia do filme, pois o Teatro só permitia a entrada de pessoas brancas. Apesar do tratamento preconceituoso, McDaniel tornou-se a primeira atriz negra a conquistar uma estatueta do Oscar na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante.

Uma outra situação de segregação se apresentou quando o local da entrega dos prêmios Oscar não permitira a entrada de negros. Por esse motivo, a atriz Hattie McDaniel precisou de uma autorização para ingressar no local e, ainda assim, não pode desfilar pelo tapete vermelho, sendo-lhe destinada uma mesa localizada nos fundos.

É importante ressaltar que os prêmios Oscar foram criados para celebrar a excelência na arte, entretanto, a premiação de Hattie MacDaniel demonstra que foi apenas após 12 anos de criação do prêmio que uma mulher afro-americana foi premiada. Além disso, vê-se que tais situações, obviamente, não só acentuavam, mas também evidenciavam a segregação da indústria cinematográfica, na qual os papéis coadjuvantes e de personagens que tinham a função de serventia eram dados quase exclusivamente às mulheres e homens negros na época. Apesar de todos os elementos que citamos acima, podemos dizer que McDaniel mudou o curso da história e marcou a representação de mulheres negras no cinema.

Até o final da década de 1960, o cinema negro sofreu com as diferenças e conflitos raciais da sociedade norte-americana (BITTENCOURT, 2020), devido, particularmente, às leis de segregação que estavam em vigor em diversos estados na época. A segregação fez com que atores negros fossem proibidos de interpretar papéis em filmes destinados aos atores brancos. Assim, grandes estúdios se recusavam a produzir longas-metragens protagonizados por atores negros, uma vez que seriam barrados nos cinemas, resultando em uma perda financeira de bilheteria e afetando os lucros esperados nas produções.

É somente por volta da década de 1970 que os diretores retornam com mais força a combater estereótipos ao retratar personagens afrodescendentes nos filmes hollywoodianos. Entretanto, foi somente a partir dos anos 1990 que personagens negros passaram a ocupar lugares de destaque nas grandes produções cinematográficas. Apesar da persistência, podemos observar que foram poucas as mudanças significativas em relação ao lugar ocupado

por atores negros no cinema, os quais ainda estavam destinados a papéis secundários e estereotipados em filmes.

Viana (2021), sobre o contexto citado, afirma que “é comum que os atores homens ainda assumam papéis de escravos, criminosos ou marginalizados até os dias de hoje e que atrizes negras assumem muitas vezes papéis de mulheres raivosas, mães solteiras e empregadas”. Ainda nesse contexto, Flores (2022, p. 29) aponta, em sua tese, que

É importante ressaltar que normalmente existem imagens representativas em diversos grupos sociais e culturais. Contudo, algumas representações ganham maior visibilidade e assim passam a ser consideradas como expressão da realidade. Surgem os estereótipos, forma pela qual ocorrem simplificações das visões do mundo na tentativa de prever e compreender o comportamento humano. [...] na sociedade brasileira, e em tantas outras mais, essas representações foram construídas mediante o olhar eurocêntrico, que produziu sentidos sobre o normal e o não normal.

Assim, pela citação acima, entendemos esses estereótipos como uma forma superficial e corriqueira, geralmente carregada de preconceitos, de retratar os diferentes grupos sociais, que, por vezes, desconsideram suas especificidades culturais e individualidade. Neste sentido, apresentamos alguns dos estereótipos frequentemente utilizados pela indústria audiovisual.

Viana (2021) destaca os seguintes estereótipos: o primeiro estereótipo é o do “negro mágico”, um termo difundido pelo cineasta, escritor, produtor, ator e professor norte-americano Spike Lee, em 2001. Lee demonstrava o seu desânimo com tal abordagem, afirmando ser um retrocesso. Muitas vezes vista como “positiva”, essa abordagem é, na verdade, problemática, pois enfatiza a figura do negro místico e exótico. Um personagem quase sempre retratado como uma pessoa isolada, em decorrência de discriminação, deficiência ou restrição social, não possuindo uma história própria e tendo como único objetivo na trama, ajudar a salvar um protagonista branco, com palavras de sabedoria ou, ainda, com algum poder ou dom sobrenatural, como é o caso dos filmes *À Espera De Um Milagre* (Dir. Frank Árpád Darabont, 1999), *Todo Poderoso* (Dir. Thomas Peter Shadyac, 2003) e de sua sequência *A Volta do Todo Poderoso* (Dir. Thomas Peter Shadyac, 2007).

O segundo estereótipo seria o da “negra raivosa” que, principalmente, em comédias hollywoodianas, são caracterizadas como mulheres negras sendo retratadas quase sempre como bravas e mandonas. Como, por exemplo, nos filmes *Vovó... Zona* (Dir. Raja Raymond Gosnell, 2000) e *Norbit: uma comédia de peso* (Dir.: Bryan Robbins, 2007).

De acordo com Viana (2021), a mulher “negra raivosa” foi idealizada devido à forma como a mulher negra era (re)tratada na escravidão, sempre “servindo à casa como criada, satisfação dos prazeres sexuais do homem branco e no trabalho pesado nos campos. Elas não

eram vistas como um ser feminino”. (2021, p. 00). Essa representação resultou em um distanciamento da feminilidade, gerando interpretações de que essa mulher negra não precisa de afeto, é sempre forte diante das dificuldades da vida, sempre preparada para qualquer situação.

Para além dos estereótipos destacados por Viana (2021), podemos citar ainda o da “melhor amiga negra da protagonista”. Segundo Viana (2021), a personagem tipo “melhor amiga negra da protagonista” é retratada como aquela amiga parceira, paciente, com os melhores conselhos, sempre disposta a ajudar. Nesse tipo de abordagem, a mulher negra não tem seu enredo desenvolvido, toda a sua subjetividade, sua história de vida e motivações não são relevantes para a composição da trama do filme. Sua principal função na trama é a de servir de suporte para a protagonista e heroína branca se desenvolver no enredo. Essa conjuntura pode ser observada no filme *High School Musical* (Dir. Kenneth John Ortega, 2006), no qual a personagem Taylor Mckessie, interpretada pela atriz Monique Coleman, é a amiga inteligente, carismática, responsável e conselheira da protagonista Gabriella Montez, interpretada pela atriz Vanessa Hudgens.

Um outro estereótipo é o do “negro que precisa ser salvo por um personagem branco”. Aqui, citamos o filme *Histórias Cruzadas*² (Dir. Tate Taylor, 2011). *Histórias Cruzadas* (2011), apesar do objetivo central de retratar o racismo do Mississippi, nos Estados Unidos na década de 1960, repete a fórmula de filmes estereotipados, pelo modo como o racismo estrutural e o Movimento dos Direitos Civis são retratados, colocando uma personagem branca como heroína da história e os personagens negros como coadjuvantes do processo de luta por seus direitos. O filme (2011) recebeu críticas dos movimentos de lutas raciais ao longo dos anos, rendendo, também, declarações da atriz Viola Davis, que interpretou a personagem Aibileen Clark no longa. Davis revelou ter se arrependido de ter participado da produção.

Referidas acima, as tendências recorrentes em filmes dos mais diferentes gêneros e subgêneros refletem uma certa dificuldade em retratar personagens distintos, bem como de retratá-los para além de suas etnias ou do racismo.

Como vimos anteriormente, são muitos os estereótipos raciais encontrados em produções para o cinema. Contudo, o cenário cinematográfico vem mudando paulatinamente. Conforme ressalta Bittencourt (2020), isto se deve ao advento da internet e da democratização

² Adaptação literária do livro *The Help* (2009), de Kathryn Stockett. O filme conta com um elenco formado por Octavia Spencer, Viola Davis, Emma Stone, dentre outros. O filme obteve uma boa avaliação no *Rotten Tomatoes*, com 76% de aprovação da crítica e 89% do público. No IMDb, obteve avaliação de 8/10.

da informação que, principalmente entre os jovens mais adeptos, seu uso proporcionou a conscientização sobre os discursos referentes à representatividade de minorias, incluindo a sua diversidade racial. Entretanto, aqui devemos considerar que tal conscientização se dá até certo ponto, uma vez que pode ocorrer de forma significativa ou não, mas não somente graças à internet, pois esta pode difundir ideias equivocadas sobre as questões sociais.

O gênero de terror contemporâneo é um bom exemplo disso. Em entrevista para o site *The Conversation*, Coleman³ (2019) destaca que atores negros sempre tiveram um papel em filmes de terror, mas como coadjuvantes, assumindo a missão de servir de alívio cômico e, mesmo quando raramente colocados em papéis principais, existem para apoiar a sobrevivência dos personagens brancos.

Coleman (2019) também destaca que houve um breve período entre as décadas de 1960 e 1970, em que alguns filmes começaram a tratar os personagens negros como seres inteiros e completos, com narrativas focadas na cultura e experiências negras. Apesar desta presença, os filmes de terror sofrem um novo declínio em relação ao tratamento de personagens negros, a partir das décadas de 1980, 1990 e 2000.

Um exemplo recente da questão a qual nos referimos no parágrafo anterior é o filme *Annabelle* (Dir. John R. Leonetti, 2014), no qual a personagem Evellyn, interpretada pela atriz Alfre Woodard, sacrifica-se na “luta” contra a boneca para ajudar o casal Mia e John, interpretado por Annabelle Wallis e Ward Horton. Segundo Coleman (2019), isto se encaixa no estereótipo de “negro sacrificial”, reutilizando a antiga fórmula, ainda que discretamente.

Um outro fenômeno antigo pode ser observado, também, em animações para o cinema e o *streaming*, como, por exemplo, em *Soul* (Dir. Pete Docter, 2020) e a *A Princesa e o Sapo* (Dir. John Musker e Ron Clements, 2009). Em *Soul*, o personagem Joe Gardner, após sofrer um acidente, vai parar em um lugar chamado pré-vida, onde novas almas ganham suas personalidades, peculiaridades e interesses antes de irem para Terra. Nessa jornada, Joe acaba descobrindo as respostas para questões importantes da vida. Já em *A Princesa e o Sapo*, a personagem Tiana é transformada em sapo após beijar um sapo que diz ser um príncipe. Temos, ainda, *Irmão Urso* (Dir. Aaron Blaise e Robert Walker, 2003) na qual o personagem Kenai, de origem indígena esquimó Inuíte, é transformado em um urso. Casos como estes podem parecer despretensiosos, mas, como afirma Flores (2022, p. 38), revelam, na verdade, uma desumanização dos personagens protagonistas não-brancos.

³ Robin R. Means Coleman é professora do Departamento de Comunicação da Universidade A&M do Texas, vice-presidente e reitora de associada para a diversidade, autora do livro *Horror Noire: A Representação Negra no Cinema de Terror* (Darkside, 2019).

Nos últimos anos, a indústria audiovisual tem buscado cada vez mais a diversidade em produções de diversos gêneros, destacando-se no meio cultural. Para Coleman (2019), em relação ao gênero de filmes terror, o que se observa na atualidade é um ressurgimento de filmes de terror negros que, além de incluir personagens negros, são produções criadas e estreladas por negros e/ou tem foco na vida e cultura negra, sem deixar de abrir espaço para outros temas diversos. Neste cenário de representatividade, podemos citar produções como: *MA* (Dir. Tate Taylor, 2019), estrelado por Octavia Spencer no papel principal como Sue Ann, uma mulher solitária de meia-idade que faz amizade com um grupo de adolescentes; com o tempo, o apego de Ann vira obsessão; *Caixa Preta* (Dir. Emmanuel Osei-Kuffour, 2020), uma trama que mistura terror e ficção científica, conta a história de um homem que, após sobreviver a um acidente, luta para recuperar sua memória através de um tratamento experimental que o faz questionar sua identidade; *A Lenda de Candyman* (Dir. Nia DaCosta, 2021), que foge do estereótipo de “homem negro deslumbrado por mulheres brancas” presente no filme antecessor *O Mistério de Candyman* (Dir. Bernard Rose, 1992), que para além disso, também é considerado inovador por colocar um personagem negro não como vítima de um *slasher*⁴, mas como protagonista no papel principal de vilão do filme.

Nesse contexto, o filme *A Lenda de Candyman* (2021) é significativo para o gênero horror moderno por apresentar um enredo socialmente consciente. O filme conta com a direção de Jordan Peele, que é, atualmente, um dos principais nomes no gênero Terror Negro. Peele é um comediante negro, produtor e cineasta, que produz filmes de suspense com críticas sociais ao racismo estrutural presente na sociedade americana.

Segundo Coleman (2019), Peele homenageia clássicos como *A Noite dos Mortos Vivos* (Dir. George Romero, 1968) que serviu de inspiração para Jordan escrever o final de *Corra* (Dir. Jordan Peele, 2017).

*Corra*⁵ (2017) aborda o racismo através do suspense e terror psicológicos. Nós, também do diretor Jordan Peele (2019) discute, através do terror psicológico, a questão de privilégios na sociedade norte-americana; *Nope*, o filme mais recente de Peele (2022) usa o terror aliado à ficção científica, para tratar de temas como fama e deslumbre com o espetáculo, bem como faz crítica social e racial.

Ainda no gênero terror negro, mas adentrando no gênero ação, temos a trilogia *Blade* que inclui *Blade - O Caçador de Vampiros* (Dir. Stephen Norrington, 1998), *Blade II* (Dir.

⁴ Subgênero do terror que envolve assassinatos e psicopatas que geralmente usam máscara ou fantasia.

⁵ Filme de baixo orçamento (US\$ 4,5 milhões) que conquistou uma bilheteria de 255,457 milhões de dólares, ao abordar o racismo estrutural na sociedade norte-americana através do suspense e terror psicológico e que rendeu a Peele o Oscar de Melhor Roteiro Original.

Guillermo del Toro, 2002) e *Blade Trinity* (Dir. David S. Goyer, 2004). Os filmes possuem o ator Wesley Snipes no papel principal, e adaptam para o cinema um personagem anti-herói de histórias em quadrinhos da Marvel Comics.

Saindo do gênero terror, mas ainda na perspectiva de representatividade real de protagonismos cinematográficos de personagens negros, podemos citar também *Pantera Negra* (Dir. Ryan Coogler, 2018). O ator Chadwick Boseman, no papel de T'Challa, consolidou-se como um marco para o cinema de super-heróis.

Pantera Negra trouxe para o cinema a adaptação de um outro personagem negro das histórias em quadrinhos da Marvel Comics: o herói Pantera Negra, personagem criado por Stan Lee e Jack Kirby, que surgiu pela primeira vez no quadrinho da Marvel nomeado *Fantastic Four #52*, em abril de 1966. Uma curiosidade relacionada a este personagem é a de que foi por vezes relacionado ao Partido dos Panteras Negras⁶, fundado em outubro de 1966. No entanto, o personagem foi criado antes da fundação do partido, o qual negou ter se inspirado no nome do personagem.

Pantera Negra é rei e protetor da fictícia nação de Wakanda, sendo o primeiro super-herói negro de origem africana a receber um filme apenas seu. Com mais de 90% do elenco de atores negros, conquistou público variado, arrecadando US\$ 1,3 bilhão nas bilheterias mundiais. Por seu significado cultural e social, o filme *Pantera Negra* é um exemplo de representatividade tanto dentro do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM) quanto fora dele.

Apesar de ser um lançamento recente, a ideia de produzir um longa do herói *Pantera Negra* estava em desenvolvimento há um período considerável. O ator Wesley Snipes foi o primeiro a manifestar interesse em trabalhar em uma adaptação do personagem, isto em 1992; desde então, o projeto passou por diversas alterações. Foi somente em 2016 que *Pantera Negra* foi anunciado oficialmente, com a aparição de Boseman no papel pela primeira vez em *Capitão América: Guerra Civil* (Dir. Joe Russo e Anthony Russo, 2016).

Em 2022, chegou aos cinemas a sequência do longa, intitulada *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*⁷ (Dir. Ryan Coogler, 2022), com a missão de continuar o legado construído pela atuação de Chadwick Boseman, falecido em 2020. A continuação tem uma

⁶ Os Panteras Negras foram um partido político norte-americano fundado em 1966, por Huey Newton e Bobby Seale, como forma de combate contra a violência policial contra os negros na década de 1960, em meio ao movimento dos direitos civis nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm/> Acesso em: 24 abr 2023.

⁷ Arrecadou US\$ 676,036,389 em bilheteria.

mulher negra assumindo o manto do Pantera Negra, a personagem Shuri, irmã do rei T'Challa, interpretada pela atriz Letitia Wright.

Uma outra personagem negra do UCM é a heroína negra Riri Williams, a *Ironheart* (Coração de Ferro), interpretada pela atriz Dominique Thorne. A personagem já tem confirmada uma série de televisão criada por Chinaka Hodge para o Disney+, com direção de Angela Barnes e Sam Bailey baseada nas HQ da personagem, compartilhando continuidade com os filmes da franquia.

Ainda sobre a representatividade negra no cinema, no cenário brasileiro, podemos citar o filme *Medida Provisória* (Dir. Lázaro Ramos, 2022). O filme retrata um futuro distópico em que o governo brasileiro decreta uma medida provisória que inicia um processo para enviar os negros de volta à África. O longa é uma adaptação de *Namíbia, Não*, peça de Aldri Anunciação, também dirigida pelo ator e diretor Lázaro Ramos, em 2011.

*Medida Provisória*⁸ (2022) foi gravado em 2019 e lançado internacionalmente em 2020, mas só chegou aos cinemas brasileiros em 2022. O filme sofreu com entraves para o seu lançamento, primeiramente devido à pandemia do Covid-19, depois — como disse Lázaro Ramos em uma entrevista ao jornal Folha de S. Paulo (2022) — por “censura burocrática”, em função da troca de distribuidora durante a sua produção, tornando-se ainda alvo de ataques do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo. Camargo acusou o longa de fazer críticas diretas ao então Presidente da República Jair Bolsonaro.

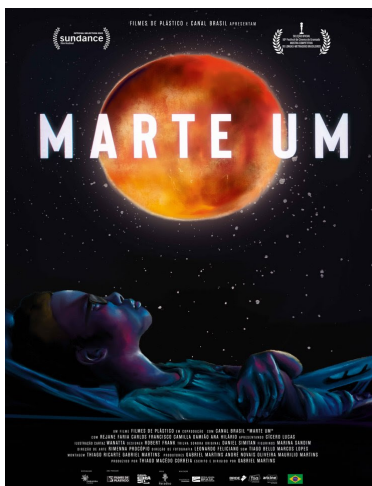
Outro longa brasileiro que destacamos é o filme *Marte Um*⁹ (Dir. Gabriel Martins, 2022). *Marte Um*¹⁰ foi escolhido para representar o Brasil no Oscar 2023 na categoria Melhor Filme Internacional, sendo um marco para o cinema nacional, já que foi a primeira vez que um filme dirigido por um cineasta negro foi selecionado para representar o país na premiação. A seguir, é possível observar o cartaz do longa:

⁸ Apesar das dificuldades, *Medida Provisória* conquistou três Troféus Lente de Cristal, são eles: Melhor Roteiro, Melhor Ator Coadjuvante, para Seu Jorge, e Melhor Filme, na premiação internacional Inffinito Film Festival, principal festival de cinema brasileiro do exterior.

⁹ Segundo o site Cinematório (2022), *Marte Um* estreou mundialmente no Festival Sundance, ganhou 4 prêmios no 50º Festival de Gramado, sendo eles: Prêmio Especial do Júri, Prêmio do Júri Popular e os troféus Kikitos de Melhor Roteiro, também do diretor Gabriel Martins, e Melhor Trilha Musical, de Daniel Simitan.

¹⁰ *Marte Um* foi exibido ainda em outros 35 festivais internacionais, ganhando prêmios de melhor longa no OutFest, no Black Star e no San Francisco Film Festival.

Figura 1: Cartaz de divulgação do filme *Marte Um* (Dir. Gabriel Martins, 2022).



Fonte: www.cinematorio.com.br/

*Marte Um*¹¹ (2022) narra a história da família Martins, uma família negra de classe média baixa da periferia de Contagem, Minas Gerais, enquanto acompanha cotidiano de compromissos, desejos, sonhos e expectativas mesmo em meio a um cenário novo em que o país acaba de eleger como presidente um homem de extrema-direita, que vai contra tudo que a família acredita.

Em oposição aos filmes apontados acima, o filme *Homem-aranha no Aranhaverso*¹² (Dir. Bob Persichetti, Peter Ramsey e Rodney Rothman, 2018) é considerado pela crítica especializada de cinema como um marco na história dos filmes do gênero animação. Adaptando o personagem Miles Morales das histórias em quadrinhos da Marvel Comics, é o primeiro Homem Aranha negro do Universo Marvel.

Sendo assim, os filmes comentados anteriormente destacam os extremos da indústria cinematográfica, bem como reforçam a expectativa de filmes com diversidade étnico-racial e mais representatividade de personagens negros no cinema, ao mesmo tempo em que abordam temas sociais relevantes. Tal ocorrência posiciona-os como relevantes para o Cinema Negro e

¹¹ Conforme o site Cinematório (2022), [...] “caso seja indicado, Gabriel Martins será o quarto diretor negro a ter um filme indicado nessa categoria na história da premiação. Os outros foram: o franco-argelino Rachid Bouchareb (indicado por *Fora da Lei*, em 2011, *Dias de Glória*, em 2007, e *Dust of Life*, em 1996), o mauritano Abderrahmane Sissako (*Timbuktu*, em 2015) e o francês Ladj Ly (*Os Miseráveis*, em 2020)”, o que reflete o viés “brancocêntrico” na premiação da Academia de Hollywood. Ainda segundo o site Cinematório, caso seja indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional em 2023, o longa-metragem irá interromper um “jejum” de mais de 20 anos do Brasil na categoria, que teve *Central do Brasil* (Dir. Walter Salles, 1998) como último longa nacional, indicado em 1999. Ainda assim, o cinema brasileiro caminha a passos curtos no quesito representatividade, bem como, de valorização de suas produções nacionais.

¹² Aclamado pelo público, foi um sucesso de bilheteria, conquistando US\$ 375, 5 milhões com um orçamento de US\$ 90 milhões, ganhou diversos prêmios, incluindo o Oscar na categoria de Melhor Animação (2019) e o Globo de Ouro: Melhor Filme de Animação (2019).

para o público em geral, que acolheu e procurou conhecer as obras que se distinguem daquelas que estereotipam os personagens negros.

2.3 Homem-Aranha

Antes de iniciarmos a análise do objeto central deste estudo, o personagem Miles Morales, é preciso percorrer e compreender o contexto no qual está inserido. Logo, neste tópico, buscamos contextualizar o universo do personagem Homem-Aranha, sua criação, origem nas HQs e desenvolvimento ao longo dos anos, assim como, discorrer sobre as várias “encarnações” do *escalador de paredes* nos diversos veículos do audiovisual e da chegada de Miles Morales às histórias em quadrinhos e ao cinema.

2.3.1 Homem Aranha na cultura pop do século XX: onde tudo começou

Há seis décadas, surgiu nos quadrinhos da *Marvel Comics*, o personagem Homem-Aranha (*Spider-Man*). Criado por Stan Lee (Stanley Martin Lieber), Jack Kirby (Jacob Kurtzberg) e Steve Ditko — três grandes nomes quando falamos em histórias em quadrinhos (HQs) — o super-herói estreou em 5 de junho de 1962 naquela que seria a décima quinta e última edição da revista *Amazing Fantasy*, apresentada na figura 2:

Figura 2: Revista *Amazing Fantasy Vol.1 #15*, arte por Jack Kirby e Steve Ditko (1962).



Fonte: <https://www.marvel.com>. (2022).

Para entendermos a essência desse personagem, é preciso voltar um pouco no tempo para compreender como se deu o seu processo de criação, que envolveu algumas controvérsias entre seus criadores: Stan Lee, Jack Kirby e Steve Ditko.

Stan Lee era, então, editor chefe e principal escritor da *Marvel Comics*, principal selo de quadrinhos da editora que, na época, ainda era chamada oficialmente de *Atlas Comics*¹³. Lee possuía um método rápido para criar e desenvolver novos quadrinhos que consistia em escrever um roteiro básico da história, passá-lo a um ilustrador que desenharia toda a revista e, só após esse processo, o escritor adicionava os diálogos.

Lee precisava criar uma nova história. Surge, desse modo, o conceito para o personagem com poderes aracnídeos, Peter Parker. Para ajudá-lo no desenvolvimento deste novo personagem, seguindo seu método citado no parágrafo anterior, Lee procurou e convidou seu parceiro e cocriador Jack Kirby, da já conhecida revista do Quarteto Fantástico (*Fantastic Four*) de 1961. Kirby era o principal ilustrador de super-heróis da *Marvel Comics* da época, e, a princípio, o responsável por desenhar o Homem-Aranha.

Segundo Stan Lee, sua ideia principal para o personagem era a de que fosse um adolescente comum, estudante, tímido, um pouco inseguro, com quem os leitores adolescentes pudessem ser capazes de se identificar. No entanto, o desenho do personagem feito por Kirby era de alguém grandioso, imponente e heroico, distorcendo o ideal de Stan Lee. É neste ponto que entra Steve Ditko, principal desenhista de tramas de mistério e suspense da Marvel, que é convidado por Lee para desenhar e acrescentar o seu estilo visual mais realista ao novo super herói, dando ao personagem algumas de suas características como os lançadores de teia, o sentido aranha e o uniforme, com a peculiar máscara que cobria toda a cabeça, o que o tornaria mais tarde corroteirista de várias das histórias em parceria com Stan Lee para o Homem-Aranha. Ainda assim, Kirby foi novamente convidado por Lee para desenhar a capa da revista de estreia do personagem baseada num esboço de Ditko, apresentada na figura 3:

¹³ A *Atlas Comics* foi inicialmente fundada com o nome de *Timely Comics*, nos anos 1930, por Martin Goodman, e só alguns anos depois se tornaria a famosa *Marvel Comics*.

Figura 3: Esboço feito por Steve Ditko para a revista *Amazing Fantasy Vol.1 #15*.



Fonte: <https://marvel.fandom.com/pt-br5>

Após conceber o personagem, Lee ainda precisa da aprovação de Martin Goodman, o então dono da *Atlas Comics*, com quem teve uma longa discussão, isso porque Goodman não via com bons olhos a ideia de um personagem baseado em uma aranha. Apesar do tema “Homem-Animal” já ser algo reconhecido pelo público-alvo da época através de personagens como *Batman*, da editora norte-americana concorrente *DC Comics*, e Homem-Formiga (*Ant-Man*), uma outra cocriação de Stan Lee em parceria com Jack Kirby, Goodman mantinha certa resistência, pois temia que as pessoas não recebessem bem o Homem-Aranha. Todavia, graças à insistência de Stan Lee, Goodman concordou em publicar a história-piloto na última edição da revista *Amazing Adult Fantasy*.¹⁴

Mais tarde, porém, surgiram algumas controvérsias referentes à criação do personagem herói aracnídeo. Stan Lee declarava que o Homem-Aranha teria sido baseado no personagem *The Spider* (O Aranha) personagem da “literatura *pulp*”¹⁵ norte-americana criado em 1933 por Harry Steeger, contudo, Lee dizia também que a ideia para o personagem havia

¹⁴ *Amazing Adult Fantasy*, tratava-se de um título bimestral que havia trocado de nome algumas vezes, tendo sido uma de suas últimas mudanças a da edição #14 *Amazing Adult Fantasy* para *Amazing Fantasy* na décima quinta edição, mudança esta que teria ocorrido em respeito a pedido de leitores em cartas nas quais que relataram ficar constrangidos ao comprar uma revista dedicada ao público adulto. Era uma das revistas de mistério/suspense da *Marvel Comics*, desenhada por Steve Ditko.

¹⁵ Literatura com histórias que variam entre suspense, mistério, horror, ficção científica, faroeste, amores proibidos e fantasia, por vezes ricas em violência e personagens moralmente questionáveis. O termo *Pulp Fiction* foi dado às histórias publicadas em revistas *pulp*, que recebiam esse nome pois eram feitas com papel produzido a partir da polpa das árvores, método este que tornava mais econômico e barato o produto final. Disponível em: <<https://cafeconmerd.com.br/o-surgimento-das-ficcoes-pulp-na-cultura-literaria/>>. Acesso em: 05 dez. 2022.

surgido após ver uma aranha escalar uma parede. Ao longo dos anos passou a dizer que não recordava se o uniforme havia sido criado por Jack Kirby ou Steve Ditko.

Jack Kirby, em contrapartida, afirmava que o Homem-Aranha havia sido na verdade baseado em um outro personagem denominado *Silver Spider* (Aranha Prateada), um garoto órfão que vivia com um casal idoso e encontrava um anel mágico que lhe concedia poderes. Este personagem foi criado por Kirby e seu antigo parceiro de estúdio, Joe Simon. Em 1953, a história havia sido rejeitada pela editora *Harvey Comics*, mas, após seis anos, foi reciclada pela editora *Archie Comics*, agora com o título de *The Fly* (no Brasil, Mosca Humana). Kirby alegou ainda ter criado o traje do Homem-Aranha.

No entanto, Joe Simon contestaria depois a versão de Kirby, ao afirmar que o personagem *Silver Spider* (Aranha Prateada) foi originalmente criado como *Spiderman* — sem o uso do hífen, o que o difere, ao menos gramaticalmente falando, do título *Spider-Man* da Marvel — e que os esboços dos desenhos que Kirby teria entregado a Ditko após a solicitação de Stan Lee teriam sido desenhados na verdade por C. C. Beck.

Esclarecendo, finalmente, algumas das afirmações mencionadas no parágrafo anterior, Steve Ditko confirma Kirby como primeiro ilustrador escolhido para a revista e que o conceito original para as histórias do super-herói era realmente a de um garoto que adquire superpoderes e corpo de um adulto graças a um anel mágico. Ainda segundo Ditko, ao passar pelas mãos de Kirby, o personagem ganharia um visual que mais se assemelha ao do personagem Capitão América — criação de Joe Simon e do próprio Jack Kirby — com um traje que contava com uma arma de teia na cintura¹⁶.

Contudo, a versão de Jack Kirby não agradou, já que Ditko retornou ao roteiro original de Stan Lee e refez a história, trazendo mudanças significativas para o herói original como o conhecemos hoje em dia: o jovem Peter Benjamin Parker, criado pelos tios, um adolescente comum, estudante da escola secundária, genial, tímido e modesto, que, após ser picado por uma aranha radioativa, desenvolve força e agilidade proporcionais às de um aracnídeo. A princípio, Peter Parker tenta usar suas novas habilidades para adquirir fama e dinheiro em lutas, mas ao descobrir que seu tio Ben foi morto por um ladrão que havia deixado escapar, Peter resolve usar seus poderes para combater crimes, e aprende a sua primeira lição que viria a ser seu lema para a vida: "Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades".

Como dito no início deste subtópico, *Amazing Fantasy Vol.1 #15*, seria cancelada após a publicação desta mesma edição, porém, a história do Homem-Aranha foi atrativa o

¹⁶ Versão esta, que foge da ideia original de um adolescente comum que adquire super poderes aracnídeos de, idealizada por Stan Lee.

suficiente para ganhar um título próprio, *The Amazing Spider-Man*, coescrito por Stan Lee e Steve Ditko, e também desenhado por Ditko.

Ao longo dos anos, o Homem-Aranha se consolidou e se popularizou, indo para além dos quadrinhos, adaptando-se e ganhando séries de televisão, desenhos animados, jogos, *merchandising* e filmes, destacando-se como uma das maiores franquias da indústria do entretenimento, como veremos a seguir no próximo tópico, intitulado “Homem Aranha: Entre HQ e cinema”.

2.3.2 Homem Aranha: Entre HQ e cinema

Como comentamos anteriormente, em 60 anos de história, o Homem-Aranha se consolidou, tornando-se um dos personagens mais populares até a atualidade e fazendo jus ao título de *O Amigão da Vizinhaça*, que recebeu nos quadrinhos. Faremos, assim, uma recapitulação para entendermos a dimensão de alcance que levou este personagem da HQ ao cinema. Iniciemos por destacar alguns dos principais títulos-série das histórias em quadrinhos. Para tal, contamos com as informações encontradas em diferentes veículos midiáticos¹⁷.

Como destacamos¹⁸, após o cancelamento do título bimestral *Amazing Fantasy Vol.1 #15*, o personagem Homem-Aranha ganha, em março de 1963, sua primeira série-solo de quadrinhos, intitulada *The Amazing Spider-Man Vol.1*, que segue até outubro de 1998. Esta seria então a principal revista até os dias atuais, sendo nesta série, que foram desenvolvidos fatos importantes na vida do personagem, como: a morte da personagem Gwen Stacy, um de seus primeiros interesses amorosos, na edição #121, sendo este acontecimento um dos grandes traumas da vida de Peter Parker; o surgimento do vilão Venom, na edição #300; e o seu casamento com a personagem Mary Jane Watson, na vigésima primeira edição anual da revista.

As 100 primeiras edições dessa revista foram roteirizadas por Stan Lee, que mais tarde deu lugar a outros autores. Esta seria a 1º fase desse volume de revistas, que, em janeiro de 1999, ganhou um volume 2, *The Amazing Spider-Man Vol.2 – 1ª fase*, publicada até a edição #58, sendo finalizada em novembro de 2003. Posteriormente, uma nova série de mesmo

¹⁷ Disponível em: <https://www.omelete.com.br/homem-aranha>. Acesso em: 30 nov. 2022.

Disponível em: <https://www.planocritico.com/entenda-melhor-cronologia-e-publicacoes-do-homem-aranha/>. Acesso em: 30 nov. 2022. Disponível em: <https://cineclick.uol.com.br/listas/conheca-todas-as-versoes-homem-aranha-nas-telas>.

¹⁸ Ao final do subtópico 2.3.1 Homem Aranha na cultura pop do século XX: Onde tudo começou.

título, em dezembro de 2003, iniciou uma segunda fase seguida de mais 4 volumes, que perdurou até fevereiro de 2013.

Por volta de março de 1974, a Marvel publica a HQ *Spidey Super Stories* #6, protagonizada pelo Homem-Aranha, na qual ocorre a aparição da primeira Mulher-Aranha das HQs do herói, Valerie¹⁹, sendo uma das primeiras heroínas negras das histórias em quadrinhos, especialmente no que se refere à Marvel.

Figura 4: Mulher-Aranha contra o vilão Abutre na HQ *Spidey Super Stories* #6.



Fonte: <https://universoretro.com.br/>.

Em *Spidey Super Stories* #6, a personagem Valerie trabalha como bibliotecária e não possui poderes aracnídeos. Após testemunhar o Homem-Aranha salvar uma joalheria do vilão Abutre, Valerie fica admirada, e sonha em se tornar também uma heroína. A personagem Valerie é surpreendida com o traje do herói caindo em seu colo, logo, enxerga uma oportunidade de realizar seu sonho, e adapta o traje com ventosas nos dedos e pés para imitar a habilidade de poder escalar paredes, além de encontrar uma forma de simular o lançador de teia. Enquanto estava em uma de suas lutas com o vilão Abutre, o Homem-Aranha encontra Valerie já com o traje de Mulher-Aranha escalando uma parede e permite que ela o ajude. Mais tarde, na edição #11 de *Spidey Super Stories*, os dois entregam o vilão à polícia.

¹⁹ A personagem Valerie foi criada, um ano antes de sua primeira aparição por Jean Thomas, Winslow Mortimer, Mike Esposito e Tony Mortellaro com base em um roteiro de Sara Compton que seria direcionado para o programa de televisão infanto-educativo The Electric Company, da emissora americana PBS. Disponível em: <https://universoretro.com.br/mulher-aranha-sabiam-que-a-primeira-versao-feminina-do-heroi-era-negra/>. Acesso em: 7 dez. de 2022.

Figura 5: Página da HQ *Spidey Super Stories* #6, Valerie adapta traje.



Fonte: <https://universoretro.com.br/>

A primeira versão feminina do Homem-Aranha seguiu nas histórias de *Spidey Super Stories* até outubro de 1977. Depois, fez ainda algumas aparições nas HQs de outra versão feminina do herói, Jessica Drew, que por sua vez surgiu na HQ *Marvel Spotlight* #3, em fevereiro do mesmo ano.

A versão da Mulher-Aranha de Jessica Drew é considerada por muitos a primeira e mais famosa versão feminina do herói, isto devido ao “esquecimento” sofrido em relação à versão de Valerie, resultado do apagamento desta versão que revela uma breve tentativa de representatividade e que merece seu lugar de destaque.

Em seguida, destacamos a série de revistas *Peter Parker, The Spectacular Spider-Man Vol.1*, de março de 1976, assim chamada até a edição #133, já que, na edição de número 134, de janeiro de 1988, passou a ser chamada apenas de *The Spectacular Spider-Man Vol.1*. Este seria o segundo verdadeiro título-solo do personagem, responsável ainda por dar novos rumos à vida de Peter Parker. O título contou com 263 edições, sendo encerrado em setembro de 1998²⁰.

Em agosto de 1990, estreou o título *Spider-Man* — desta vez sem adjetivo. Em sua primeira edição, o quadrinho vendeu mais de um milhão de exemplares, um destaque para

²⁰ Disponível em o site *Omelete*: <<https://www.omelete.com.br/homem-aranha/os-titulos-do-homem-aranha>>. Acesso em: 28 abril 2023.

época no que se refere à venda de gibis. Na edição de número 76, a revista muda de título e passa a ser nomeada de *Peter Parker: Spider-Man*, permanecendo até novembro de 1998.

Por último, destacamos o título *Ultimate Spider-Man #1*, primeiro título do chamado *Universo Ultimate*²¹, escrita por Brian Michael Bendis e desenhada por Mark Bagley. Trata-se de um universo alternativo da *Marvel Comics* que se passa na Terra-1610 em que a linha do tempo diverge do universo principal 616.

No *Universo Ultimate* da Marvel, Peter Parker segue como um jovem estudioso que passa por processo de transformação similar ao da versão dos anos 1960 após ser picado por uma aranha geneticamente alterada, mas com alguns ajustes significativos para a atualidade, como o fato de Peter recorrer à internet para entender as mudanças pelas quais está passando. Já em relação à aparência, o personagem Peter Parker perde o visual de nerd característico e estereotipado da versão anterior.

A série traz algumas edições depois a morte do Peter Parker deste *Universo Ultimate*, surpreendendo os fãs da série — ainda que este retorne alguns anos depois, porém, sem assumir o manto, seguindo a um clássico padrão das HQs, nas quais um personagem que “morre”, dificilmente permanecerá “morto” — porém, também os presenteou com o surgimento de um novo Homem-Aranha, Miles Morales, que, após também adquirir habilidades aracnídeas de uma aranha geneticamente mutada, assume o manto do herói.

Agora, saímos do universo das histórias em quadrinhos para as adaptações produzidas ao longo dos anos, seja para as telas de TV e/ou para as telonas de cinema, neste sentido, podemos destacar inicialmente algumas animações e em seguida as versões cinematográficas em *live actions* e em animação.

Em 9 de setembro de 1967, estreou na TV a primeira versão em animação²², adaptando bem as primeiras HQs do Homem-Aranha. Apesar da baixa qualidade das técnicas de animação e um roteiro peculiar, a primeira versão animada do herói deixou seu legado para a cultura pop, tendo uma música tema que se tornou uma referência tanto para fãs antigos quanto para os atuais, bem como, é a responsável pelo surgimento de famosos memes do herói, o que fez dessa série animada um clássico, como se pode observar na figura 6:

²¹ Essa série é responsável por adaptar histórias de alguns de seus principais personagens nos quadrinhos para o século XXI, reformulando as origens e cronologias dos mesmos nos anos 2000, a fim de conquistar uma nova geração de leitores.

²² Produzida pela *Grantray-Lawrence Animation* em parceria com a *Krantz Films*, que resultou em uma animação de 3 temporadas: a primeira temporada de 40 episódios, a segunda temporada no ano de 1968 com 20 episódios e uma terceira e última temporada que vai de 1969 a 1970, com 19 episódios. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/homem-aranha/lembra-desse-homem-aranha-os-desenhos-animados>>. Acesso em: 28 abr 2023.

Figura 6: Famoso meme do Homem-Aranha retirado da animação *Spider-Man* (1967-70)



Fonte: <https://www.legiaodosherois.com.br/>

Já nos anos 1980, o personagem ganha duas séries animadas. A primeira, *Spider-Man*, de 1981 a 1982, teve 22 episódios produzidos pela *Marvel Productions*, responsável por introduzir a ideia de participações de outros personagens da Marvel como o Capitão América, mas que, ainda assim, não alcançou sucesso.

A segunda, *Spider-Man and His Amazing Friends* (Homem-Aranha e seus incríveis amigos), estreou em 12 de dezembro 1981, animação na qual o Homem-Aranha vivia aventuras com seus parceiros Homem de Gelo e *Firestar*²³. Esta segunda animação também contava com a participação de outros personagens da Marvel, como os X-Men, Dr. Estranho, Nick Fury, entre outros.

Com um total de 24 episódios, a série animada chega ao fim no dia 10 de setembro de 1983. Apesar de aparentemente promissora, a animação teve sua parcela de polêmica, pois, quando relançada no exterior, foi acusada de conter conteúdo ofensivo contra minorias raciais. Ao longo dos anos 1994 e 2017, outras animações foram produzidas, sendo as mais recentes a *Ultimate Spider-Man* (2012 a 2016) (a animação, influenciada pelo sucesso dos filmes do UCM, adapta os quadrinhos da série *Ultimate* da Marvel mas não estrela Miles Morales — já citado anteriormente, como sendo o responsável por assumir o manto do herói no universo *Ultimate* da Marvel — como Homem-Aranha) e *Marvel's Spider-Man* (2017 a 2020) (animação de três temporadas, que inicialmente visava acompanhar os filmes *live action* estrelados de Tom Holland, e foi adaptada para associar-se também a sucessos mais recentes

²³ Personagem criada especialmente para o desenho animado, e que mais tarde acabou sendo incluída nas HQs dos X-Men como uma mutante. No Brasil, a personagem recebe o nome de Estrela de Fogo no desenho e Flama nos quadrinhos.

como: o filme animado *Homem-aranha No Aranhaverso* e o jogo de PlayStation 4, que compartilha o mesmo nome).

Figura 7: Cena de Marvel's Spider-Man, com os personagens Miles Morales, Gwen Stacy e Peter Parker.



Fonte: <https://www.legiaodosherois.com.br>.

Saindo do universo das versões animadas do herói, vamos agora percorrer as suas versões cinematográficas ao longo dos anos. O primeiro *live action* do Homem-Aranha para os cinemas enfrentou anos de disputas judiciais por direitos sobre o personagem, que somente foram parcialmente resolvidos no ano 2000, quando a *Columbia Pictures* adquire, enfim, os direitos da produção. Com o anúncio de Tobey Maguire no papel principal de Peter Parker, e Sam Raimi na direção, surgem os primeiros sinais de caminhada para o filme²⁴.

Estreando no ano de 2002, o filme *Spider-Man* (Homem-Aranha), arrecadou US \$821, 7 milhões. O longa é aclamado até os dias de hoje por ser uma das adaptações mais fiéis à essência das HQs do herói, tendo ganhado duas sequências: *Spider-Man 2* (Homem-Aranha 2), de 2004 e *Spider-Man 3* (Homem-Aranha 3), de 2007. O último filme deixou a desejar na qualidade em comparação aos seus antecessores e recebeu muitas críticas, o que resultou no fim desta franquia.

Com o último lançamento cinematográfico de 2007 tendo encerrado a trilogia *Spider-Man*, a Sony tentou em 2012 um novo projeto, o longa *The Amazing Spider-Man* (O Espetacular Homem-Aranha), reboot com uma trama renovada, para a qual foi destinado ao ator Andrew Garfield o papel principal. Nesta versão, a personalidade de Peter Parker

²⁴ Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/homem-aranha/homem-aranha-a-hora-do-aracnideo>>. Acesso em: 28 abr 2023.

abandona o velho conceito de nerd da versão anterior e ganha um senso de humor afiado e provocativo²⁵.

Em 2014, uma sequência intitulada *The Amazing Spider-Man 2: Rise of Electro* (no Brasil, *O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro*) resolveu apostar em um enredo inexistente nas HQs, apesar de adaptar o personagem Electro²⁶, um dos vilões já conhecido nos quadrinhos publicados pela Marvel. O personagem interpretado por Jamie Foxx, um ator negro, ainda permanece com as habilidades elétricas, porém tem sua cor de pele modificada para um tom de azul, algo problemático que não acontece nos quadrinhos.

Este fato coloca a adaptação deste vilão, infelizmente, dentre os problemas já comentados anteriormente no subtópico “2.2.1. Por que se ver na tela importa?”, estereótipos recorrentes em filmes com personalidades negras. A mudança de aparência do personagem e a falta de aprofundamento de sua história, entre outras falhas do longa, não agradaram o público e, mais uma vez, a detentora do direito dos personagens resolveu cancelar mais este projeto.

A versão mais recente do herói voltou a aparecer no cinema no ano de 2016, mas não em um filme solo, e sim no longa “Capitão América: Guerra Civil”, marcando a estreia do personagem no Universo Cinematográfico da Marvel e abrindo caminho para um novo filme solo, “Homem-Aranha: De Volta Ao Lar”, com direção de Jon Watts, lançado em 2017, que arrecadou US \$880,2 milhões em bilheteria.

O sucesso do longa solo do personagem rendeu a participação em outras duas produções da Marvel no cinema, “Vingadores: Guerra Infinita” (2018) e “Vingadores: Ultimato” (2019) e duas sequências solo, também com direção de Jon Watts, sendo elas: “Homem-Aranha: Longe de Casa” (2019) e “Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa” (2021)²⁷.

O terceiro longa da nova franquia do herói aracnídeo apostou no tom nostálgico ao trazer as versões do herói de Tobey Maguire e Andrew Garfield, bem como alguns dos principais vilões dos longas anteriores já mencionados nos parágrafos anteriores, como o próprio Electro, novamente interpretado por Jamie Foxx, que, neste longa, tem sua aparência novamente modificada, porém de forma positiva, uma vez que o ato falho cometido no filme de 2014, “O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro” é corrigido, e o personagem ganha um novo visual, no qual sua cor de pele não é modificada e seu traje se assemelha ao das HQs.

²⁵ O filme arrecadou US \$750 milhões de bilheteria.

²⁶ Electro é um personagem branco que, ao ser atingido por um raio, passa a controlar eletricidade. No filme, a origem dos poderes do vilão difere das HQs.

²⁷ As duas sequências solo da nova franquia de filmes do Homem-Aranha, arrecadaram respectivamente: “Homem-Aranha: Longe de Casa” (2019) com US \$1,132 bilhões de bilheteria e “Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa” (2021) com uma bilheteria de US \$1,916 bilhões.

Como mencionamos anteriormente²⁸, o Homem-Aranha possui mais uma versão cinematográfica: trata-se do longa em animação *Homem-aranha no Aranhaverso* (2018), que, apesar de apresentar outras versões do personagem, permanece focado na história do personagem Miles Morales das histórias em quadrinhos da Marvel Comics do *Ultimate Universe*, o primeiro Homem-Aranha negro — da versão masculina — do Universo Marvel.

Figura 8: Pôster de divulgação do filme *Homem-aranha No Aranhaverso* (2018).



Fonte: <https://cineclick.uol.com.br/>

É interessante mencionarmos também que o personagem Homem-Aranha teve ainda duas versões de seriados de TV, são eles: *The Amazing Spider-man* (1977 a 1979), com o ator Nicholas Hammond como Homem-Aranha, exibida pela CBS, e *Spider-Man* (1978 a 1979), série japonesa produzida pela *Toei*, com 41 episódios, que adaptava de forma parcial a história do personagem.

O personagem também fez sucesso nos jogos de consoles e PC, sendo o primeiro jogo lançado em 1982 para Atari 2600, intitulado *Spider-Man*, da designer e programadora de jogos Laura Nikolich. Já a versão mais recente para as plataformas atuais é a *Marvel's Spider-Man*, que foca em uma história inédita de Peter Parker, lançado em 2018, desenvolvido pela Insomniac Games para console PlayStation 4, ganhando depois uma versão para PCs.

Em 2020, o jogo ganhou uma sequência, agora com o título de *Marvel's Spider-Man: Miles Morales*, para os consoles PS4 e PS5. Este é o primeiro jogo com Miles Morales como

²⁸ No subtópico “2.2.1 Por que se ver na tela importa?”.

protagonista, que também ganhará uma versão para PC. Mais uma sequência está confirmada para 2023, chamada de *Marvel's Spider-Man 2*, para console PlayStation 5, e terá como destaque Miles Morales e Peter Parker no manto do herói e o popular vilão Venom.

Diante de uma história de 60 anos, fica difícil compilar todas as versões e veículos pelos quais o Homem-Aranha já passou, no entanto, destacamos acima os mais relevantes para nosso estudo. É interessante notarmos que, dentre os elementos destacados, foram poucas as adaptações que focaram em histórias solas de personagens não-brancos e/ou femininos do universo aracnídeo, e mesmo os poucos que o fizeram não continuaram por muito tempo, salvo o personagem foco de nosso estudo, Miles Morales, o novo Homem-Aranha que, em menos de 10 anos de sua estreia nos quadrinhos, já ganhou as telas do cinema. É sobre este personagem e sua trajetória que iremos discorrer no subtópico a seguir.

2.3.3. Histórico do personagem até Miles Morales

São crescentes as reivindicações por representatividade nos mais diversos âmbitos da sociedade, especialmente no que se refere à cultura pop e ao audiovisual. Como observamos anteriormente²⁹, essa movimentação em busca de representatividade, que ganha cada vez mais espaço na indústria audiovisual, não é nenhuma novidade nas histórias em quadrinhos, especialmente em relação às HQs da Marvel, que ao longo dos anos vêm introduzindo personagens representantes de minorias. Desse modo, o que deixa a desejar, em alguns casos, é o protagonismo e desenvolvimento destes personagens em suas histórias. Neste sentido, Flores (2022, p. 43) aponta que:

Quando surgiram os heróis do século XIX, é válido analisar que os vigilantes negros tinham o objetivo estritamente cômico para que não fossem levados à sério, tampouco fossem representações inspiradoras, afinal, como aponta Freud (1995, s/p *apud*. YUNES, 2018, p. 68) “rir do outro é, portanto, a maneira civilizada de agredi-lo, uma vez que a sociedade e seus códigos morais impedem o indivíduo de se manifestar como bem entender”. Mesmo que não mais houvesse escravidão, novas formas de discriminação precisavam assegurar a hegemonia mesmo que para garantir-lhes entretenimento.

Assim, segundo o destacado pela autora (2022), não se trata apenas de colocar personagens negros e/ou não brancos, ou pertencentes a outras minorias em suas histórias; a questão é como esses personagens estão representados, de modo que desvencilhem da cultura

²⁹ No subtópico “2.2.1 Por que se ver na tela importa?”.

de estereótipos e racismo enraizados na sociedade. Abrindo espaço para uma representatividade verdadeira, é neste ponto em que grandes representantes da cultura pop como a Marvel devem atuar. É o caso, portanto, de personagens como Miles Morales.

Desde sua criação nos anos 1960, Peter Parker³⁰, vez ou outra, foi geralmente representado em muitas de suas versões sejam masculinas ou femininas, em HQs – salvo a personagem Valerie, a primeira Mulher-Aranha³¹ – principalmente como um(a) jovem branco(a), modesto(a) e carismático(a), que após ser picado por uma aranha geneticamente modificada e motivado por um trauma, resolve combater o mal com suas novas habilidades adquiridas.

Passaram-se então 49 anos desde a criação do super-herói aracnídeo mais famoso do mundo até que surgisse a versão de Miles Morales, o primeiro Aranha negro. O personagem surge pela primeira vez em agosto de 2011, na revista *Ultimate Fallout #4*, das histórias alternativas de “What if...?” — no Brasil traduzida como “E se...?” — inseridas no *Universo Ultimate* da Marvel (Terra-1610). Na época, a candidatura e vitória de Barack Obama, consolidando-se como primeiro afro-americano a assumir a presidência dos Estados Unidos, inspiraram Alex Alonso, que atuou como editor chefe da Marvel até novembro de 2017, a dar o pontapé inicial que inspirou o processo de criação desse personagem. Foi então que o roteirista Brian Michael Bendis e a ilustradora Sara Pichelli deram vida a Miles Morales. Para enfatizar o impacto em relação a este personagem, Flores (2022) cita um relato que Bendis (2018) faz no livro *The Art of Spider-Man: Into the Spiderverse*,

[...] não vi Miles Morales se tornando tão grande quanto ele é hoje. Mesmo que eu às vezes sonhasse com isso nos meus momentos mais silenciosos. Eu certamente não imaginava que se tornaria uma obra de animação tão linda que mereceria seu próprio livro-arte. Antes que você percebesse, o Homem-Aranha era mais do que um personagem... ele se tornou seu próprio universo, um Aranhaverso, se você preferir... [...] (Durante a criação de Miles) Falamos sobre o que faríamos diferente hoje. Conversamos sobre seu apelo universal. Seu apelo global único. Conversamos sobre como o Homem-Aranha, se você olhar para os blocos básicos da construção de sua origem - de onde ele é, o que o motivou - não há realmente nada que dissesse que esse personagem deveria ser caucasiano. O Homem-Aranha poderia SER outra pessoa? Quem? Por quê? Bem, essas ideias me assustaram pra caramba. Então eu fiz o que você faz quando algo te assusta criativamente. Você faz isso. (BENDIS, 2018, *apud* ZAHED, 2018, p. 6, *apud* FLORES, 2022, p. 50).

³⁰ É interessante fazer uma observação, mesmo esta versão original do Homem-Aranha, em um olhar específico para a época em que foi criado, e um personagem por si só fora da curva, uma vez que personagens jovens eram geralmente retratados como coadjuvantes, inconsequentes, sem importância para a trama, ao contrário de Peter Parker, que mesmo jovem assume protagonismo, grandes poderes e grandes responsabilidades.

³¹ Citada no subtópico 2.3.2 Homem Aranha: Entre HQ e cinema.

A criação desse personagem traz a reflexão acerca da sua importância não somente para o Universo Marvel, como também para a representatividade de grupos minoritários na sociedade. Este Homem-Aranha, que estreia nas HQs com 13 anos, de ascendência hispânica, filho de pai afro-ameriano e mãe porto-riquenha, conversa diretamente com crianças, adolescentes e adultos negros e hispânicos, que durante anos viram principalmente protagonistas brancos, heterossexuais, norte-americanos, entre outros padrões como protagonistas. Para além disso, confirma a mensagem de Stan Lee: qualquer pessoa pode ser um super-herói, qualquer pessoa pode estar por baixo da máscara do Homem-Aranha, independente de cor de pele, de identidade de gênero ou de classe social.

Observando a linhagem de heróis no decorrer das histórias em quadrinhos e adaptações para o cinema, a exemplo de personagens como: Capitão América, Thor, Hulk, Pantera Negra, Viúva Negra, entre outros, percebemos que, juntos, eles possuem algo em comum: todos são personagens maduros, experientes, dotados de um conjunto de características físicas que os fazem seres extraordinários. O herói Homem-Aranha nasce exatamente em contraponto dessa imagem grandiosa, sendo retratado como personagem um jovem, na fase da adolescência, inexperiente, fisicamente desprovido de músculos, que, após adquirir as habilidades aracnídeas, mantém sua personalidade discreta e cativante. Neste sentido, observamos o que dizem para Valle e Telles (2014, p. 3-4) sobre o conceito de herói:

A principal característica que define o arquétipo do herói é a capacidade que ele tem de se sacrificar em nome do bem-estar comum. [...] Quanto mais humana a feição do seu herói, mais provável será a identificação. É preciso que ele tenha suas qualidades louváveis e desejadas pelo espectador e ao mesmo tempo possua fraquezas que o tornem mais humano e mais próximo.

Assim, mesmo distanciando-se em termos de características físicas em comparação a outros personagens, o Homem-Aranha conserva em si a característica principal destacada pelas autoras para tornar-se um herói adolescente. No que se refere a Miles Morales como o Homem-Aranha, vemos a essência desse personagem ser preservada em diferentes adaptações para o audiovisual, algo muito importante em termos de representatividade na atualidade. Logo, sentido de relevância da significativa adaptação deste personagem para os cinemas no contexto da cultura pop atual, seguimos para a descrição densa e análise de sequências do filme *Homem-Aranha No Aranhaverso* (2018).

2.4 Descrição densa e análise de sequências selecionadas

Homem-Aranha no Aranhaverso (2018) adapta para o cinema, em um filme de animação, uma nova perspectiva do famoso herói adolescente, no qual temos como protagonista, Miles Gonzalo Morales, um jovem adolescente negro de ascendência latina³², confrontando as expectativas de seus pais e as suas próprias em relação à mudança de escola e de rotina estudantil, ao mesmo tempo em que sofre uma transformação genética acarretada pela picada de uma aranha radioativa, vivenciando o dilema de assumir o manto do herói Homem-Aranha.

Portanto, como objetivo central desta pesquisa, detemos a missão de investigar as contribuições deste filme de animação no meio cinematográfico e cultural, bem como do seu protagonista, direcionado à questão da representatividade negra no cenário cultural da atualidade e a jornada do herói percorrida por Miles Morales. Para tanto, o objeto em questão, o filme de animação *Homem-Aranha No Aranhaverso* (2018) e o seu protagonista, Miles Morales, será analisado a partir de análise de sequências, com foco na narrativa do protagonista.

O filme inicia-se com uma breve introdução do personagem Peter Parker, falando sobre sua vida como Homem-Aranha. Em seguida, somos apresentados ao personagem Miles Morales em seu quarto, na casa da sua família no *Brooklyn*, em Nova Iorque (EUA), fazendo desenhos no estilo de grafite³³ em papéis adesivos enquanto escuta e canta a música *Sunflower* dos *rappers* Post Malone e Swae Lee. Morales está envolvido pela canção quando é interrompido por seu pai, que o chama e pergunta sobre os preparativos para a aula na nova escola³⁴. Em seguida, Miles se organiza para ir ao colégio, na saída se despede da mãe, Rio Morales.

A partir do minuto 5min20seg ao minuto 6min34seg, Miles está indo para o colégio e aproveita para colar alguns de seus adesivos pela cidade, quando é surpreendido por seu pai, o policial Jefferson Davis, na viatura da polícia, que resolve levá-lo até o *Brooklyn Visions Academy*. A princípio, eles têm uma conversa descontraída, mas, ao chegar na escola, a conversa ganha um tom sério, quando Miles questiona ao pai o porquê de não poder voltar a estudar na escola antiga do *Brooklyn* e revela que acha a nova escola elitista, e que deseja

³² Miles Morales é um rapaz negro, filho de pai afro-americano, o policial Jefferson Davis e de mãe porto-riquenha, a enfermeira Rio Morales.

³³ O *grafite* é uma manifestação artística, popularizada nas periferias de Nova Iorque, nascida da necessidade de transgredir com os sistemas opressores.

³⁴ Miles é o novo estudante de um colégio interno, o *Brooklyn Visions Academy*, no qual conquistou uma bolsa de estudos.

estudar em uma escola “normal” do seu bairro com a “galera”. Miles menciona que conseguiu a vaga para escola por meio de um sorteio, mas seu pai rapidamente o contrapõe, ao falar que Miles conquistou a sua vaga ao passar no teste, assim como todos os outros estudantes aprovados, e que deve ocupar seu espaço e aproveitar a oportunidade. Em seguida, o policial Davis questiona se Miles quer acabar como o tio Aaron³⁵. Miles retruca perguntando o que teria demais com o tio e afirmando que ele é legal. O pai de Miles então declara “cada um escolhe sua vida”, sendo revidado por Miles, ao comentar que somente ele não tem escolha. O pai de Miles afirma, no calor da discussão, que o filho realmente não tem escolha. Apesar do clima de tensão depois da conversa, Miles e o pai se despedem de forma carinhosa e descontraída.

Na sequência encontrada no minuto 6min36seg ao 8min56seg, Miles é retratado em diferentes aulas, lidando com a pressão da nova rotina escolar, e com a grande demanda de deveres escolares. Desde o momento que Miles adentra na nova escola, cria-se uma atmosfera relacionada à dura rotina escolar a qual passa a ser submetido. Miles corre seguindo de uma aula para outra, tentando ser pontual, mas sem sucesso. Em determinada cena, no minuto 8min18seg ao 8min44seg, Miles conversa com sua professora de Física sobre uma nota baixa, e tenta convencê-la de que não serve para aquela escola. A professora logo nota que Miles está tentando desistir da escola e o confronta pacientemente. Mais tarde, o personagem encara a folha de papel na qual precisa fazer uma redação solicitada pela professora de Física, sobre si mesmo e sobre a pessoa que ele deseja se tornar, mas sem conseguir pensar em nada para escrever.

³⁵ Aaron Davis e o policial Jefferson Davis são irmãos, mas não são próximos. Ambos escolheram caminhos bem distintos, enquanto o pai de Miles, Jefferson Davis, escolheu tornar-se policial, o tio do jovem escolheu uma vida de crimes com o pseudônimo de Gatuno. No filme, subtende-se que é exatamente este fato que faz o pai de Miles ter receio da admiração do jovem pelo tio.

Figura 9: Miles conversa com seu pai no trajeto para o colégio.



Fonte: Homem-Aranha no Aranhaverso (2018)

Apesar dos esforços na fala do pai de Miles para convencê-lo de que ele pertence ao ambiente da nova escola, e de que é merecedor de estar ocupando aquele espaço, Miles mostra-se insatisfeito com a escola nova, destacando o fato de considerar a mesma elitista, manifestando o desejo de voltar a estudar na escola de seu bairro³⁶, expressando a identificação com o lugar onde vive, evidenciado em sua fala ao mencionar preferir estudar em uma escola “normal”, com a “galera”.

Assim sendo, essa identificação³⁷ de Miles está diretamente ligada à sua antiga escola, seus antigos colegas e o lugar onde vive, uma continuação do próprio Miles e de suas vivências culturais. No entanto, para Stuart Hall (2006, p. 39):

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.

Pela citação acima (2006), observamos a formação da identidade como esse “processo em andamento”, de identificação constante que ocorre segundo a interação com a sociedade em que vivenciamos novas experiências. Miles sente-se confortável e mesmo completo em relação à sua antiga escola, e é devido a este sentimento de “plenitude da identidade”, que se encontra dentro de nós, citado por Hall (2006), que gera em Miles uma objeção ao novo ambiente escolar, e que, no entanto, é também este sentimento que impulsiona Miles a

³⁶ Brooklyn — um dos 5 maiores e mais populosos bairros de Nova Iorque, conhecido por sua ampla diversidade cultural e por ser palco de cena artística independente.

³⁷ Até então, fruto de uma identidade unicamente civil, uma vez que até este momento do filme, ainda não se encontra no conflito entre identidade civil e identidade secreta, de Homem-Aranha.

questionar tal mudança escolar e o leva a buscar refúgio em uma conversa com seu tio Aaron, na cena seguinte, com quem também encontra conforto e identificação.

FIGURA 10: Miles e seu tio Aaron admiram o Grafite.



Fonte: Homem-Aranha no Aranhaverso (2018)

Na sequência do minuto 9min21seg ao 13min23seg, à noite, Miles vai à casa do seu tio Aaron. Na casa do tio, Miles conversa sobre o colégio e outros assuntos, até o tio convidá-lo para grafitar um esboço que Miles desenhou. Ao terminar, Miles e o tio admiram a escrita em grafite, “no expectations”, dublado como “sem esperanças”, e conversam sobre o fato de Aaron e o pai de Miles grafitaram juntos quando jovens.

Percebemos que o grafite é, para o personagem, uma forma de expressar a própria falta de expectativas ou esperanças em relação à sensação de não pertencimento à nova escola. Identificamos Miles Morales como esse jovem negro urbano, que usa o grafite para externalizar a sua frustração, e, para o enredo do filme, adiciona ao personagem uma camada artística e expressiva, através da arte urbana.

Destacamos a utilização do grafite como forma de manifestação artística e cultural no filme, para relembrarmos o mencionado anteriormente no tocante aos Estudos Culturais³⁸, no qual destacamos a cultura como discernida e significativa, estando para além de padrões elitizados, assim como é o grafite para Miles, uma forma de expressão artística compartilhada com seu tio, que reforça o aspecto de identificação, através da qual Miles manifesta a sua identidade social.

Ainda no tocante à identidade social a que nos referimos no parágrafo anterior, destacamos o que diz Hall (1997, p. 26-27), quando afirma que “nossas identidades são, em

³⁸ Citado no tópico 2.1 Estudos Culturais e educação.

resumo, formadas culturalmente.”, no sentido de que são construídas através da cultura, resultantes de um processo de identificação que permite ao indivíduo posicionar-se ou subjetivar-se diante das definições fornecidas pelos discursos culturais.

Neste sentido, definimos que a identidade social estaria relacionada a uma parte individual do sujeito social, que se encontra diretamente vinculado à convivência no contexto social. A identidade cultural, por sua vez, é a construção identitária resultante da relação entre mundo pessoal (interior) e o mundo público (exterior).

Na sequência, ainda no local em que Miles grafitou com o tio, a partir minuto 13min25seg ao 31min40seg, após ser picado por aranha aparentemente comum, mas que na verdade trata-se da aranha radioativa denominada Alchemax 42, acompanhamos a uma série de mudanças iniciadas na vida de Miles, tanto física, com a manifestação imediata de seus poderes, como em seu contexto social, no qual o jovem precisa lidar com situações constrangedoras na escola nova, que o deixam envergonhado e assustado.

Miles decide sair em busca de quem o possa ouvi-lo e confortá-lo. A primeira opção é seu tio Aaron, que está inacessível, depois seu pai, mas este logo é descartado, o que o faz ir em busca de respostas sozinho no mesmo local onde foi picado pela aranha, no qual Miles testemunha uma luta entre os personagens Homem-Aranha (Peter Parker) e o vilão Duende Verde, situação que o coloca em perigo e o leva a ser salvo pelo herói Homem-Aranha.

O Homem-Aranha (Peter Parker) percebe, através do “sentido aranha”³⁹, despertado em ambos, que ele e Miles são iguais no referente aos poderes, e promete ajudar Miles com a questão dos poderes, após concluir a missão de desligar uma máquina denominada "supercolisor". No entanto, o Homem-Aranha (Peter Parker) é surpreendido pelos vilões Gatuno (Aaron Davis), Duende Verde (Norman Osborn) e o Rei do Crime (Wilson Fisk), e uma nova luta fatal inicia-se, ferindo gravemente o herói Homem-Aranha (Peter Parker), que, mesmo debilitado, entrega a Miles um dispositivo que chama de “chave de sistema” e o faz prometer que irá concluir sua missão de impedir os planos do Rei do Crime⁴⁰, bem como o aconselha a nunca revelar sua identidade civil. Miles, em meio àquela confusão, acaba presenciando o Rei do Crime assassinar o herói Homem-Aranha (Peter Parker). Em seguida,

³⁹ O “sentido aranha” é um conjunto de reflexos que permite ao herói prever ataques e desviar antes que o atinja.

⁴⁰ Neste filme, o vilão Rei do Crime pretende fazer funcionar uma máquina capaz de abrir passagens entre os universos paralelos a fim de encontrar versões de sua esposa e filho, isto pois ambos estão mortos em seu universo. No entanto, este plano pode causar um colapso no contínuo espaço-tempo e destruir diversos universos existentes, afetando a vida de várias pessoas.

Miles é perseguido por Gatuno⁴¹ a mando do Rei do Crime, mas consegue escapar até chegar na casa de seus pais, onde refugia-se, assustado.

Consideramos a sequência de momentos desde que Miles é picado pela aranha Alchemax 42 ao momento em que sai em busca de respostas, colocando-se em situação de perigo, como o ponto de partida para a “aventura do herói” delineada por Campbell (1949, p. 30-31), como iniciando-se com o “O chamado da aventura”, que segundo o autor, pode ocorrer através de

Um erro — aparentemente um mero acaso — revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. [...] os erros não são um mero acaso; são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos. [...] O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino. [...] O arauto ou agente que anuncia a aventura, por conseguinte, costuma ser sombrio, repugnante ou aterrorizador, considerado maléfico pelo mundo; e, no entanto, se prosseguirmos, o caminho através dos muros do dia, que levam à noite em que brilham as jóias, nos será aberto. O arauto pode ser um animal (como no conto de fadas), representante da fecundidade instintiva reprimida que está dentro de nós. Pode ser igualmente uma figura misteriosa coberta por um véu — o desconhecido. (CAMPBELL, 1949, p. 31)

Pela citação (1949), percebemos o momento da picada da aranha como primeiro prenúncio, segundo Campbell (1949), o “arauto ou agente que anuncia a aventura”, ainda que de forma inicialmente implícita no filme; o segundo prenúncio seriam as situações constrangedoras decorrentes da picada da aranha vividas por Miles na escola; a saída em busca de respostas e o encontro com o Homem-Aranha (Peter Parker) seria o terceiro prenúncio. Assim, o segundo e terceiro prenúncios são o “chamado da aventura”. Ambos colaboram como o “ato inicial de um destino” possivelmente heroico que aguarda Miles, em meio ao conflito em relação ao seu ambiente escolar.

A partir do minuto 31min05seg ao minuto 34min14seg, os jornais noticiam a morte do Homem-Aranha (Peter Parker). Miles sai da casa de seus pais para processar e refletir os acontecimentos anteriores⁴², entra em uma loja de fantasias e compra uma fantasia comum de Homem-Aranha. Após vesti-la, segue para uma local público onde dezenas de outras pessoas fantasiadas de Homem-Aranha também estão presentes para acompanhar o discurso da viúva do herói morto, Mary Jane. Motivado pelo discurso de Mary Jane, Miles encoraja-se e com algumas revistas em quadrinhos que contam a história do Homem-Aranha (Peter Parker), dirige-se para o alto de um prédio disposto a realizar os mesmos movimentos do herói

⁴¹ Gatuno é na verdade Aaron Davis, o tio de Miles Morales, como é revelado no filme. Quando persegue Miles, que está mascarado, Aaron não sabe ainda de sua identidade real e pensa ser apenas mais um Homem-Aranha de outro universo paralelo.

⁴² Acontecimentos descritos anteriormente na sequência de cenas a partir do minuto 13min25seg ao minuto 31min40seg, o chamado da aventura.

falecido e despertar seus poderes ainda desconhecidos, no entanto, a atitude é desastrosa e Miles tropeça no cadarço do próprio tênis, caindo de cima do prédio e ao atingir o chão, acaba quebrando a “chave de sistema” que estava em seu bolso, o dispositivo essencial para findar os planos do Rei do Crime.

Na cena seguinte, do minuto 34min15seg ao minuto 40min27seg, acompanhamos Miles decepcionado consigo mesmo, seguindo para o cemitério para visitar o túmulo de Homem-Aranha (Peter Parker), onde desculpa-se por ter quebrado o dispositivo, mencionado no parágrafo acima, e lamenta-se por não saber se cumprirá sua promessa. Neste momento, Miles é surpreendido por um outro Homem-Aranha denominado Peter B. Parker⁴³, e em um impulso dispara um choque bioelétrico⁴⁴ contra este novo personagem, fazendo-o desmaiar. Os policiais são acionados e chegam ao cemitério, Miles se assusta e foge carregando pelas ruas de Nova Iorque o corpo desmaiado do Homem-Aranha (Peter B. Parker), que está preso a Miles por uma teia, iniciando-se uma sequência de fuga desastrosa.

Segundo Campbell (1949, p. 34-35),

[...] aqui "o chamado da aventura" — significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. [...] o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem. Os exemplos podem ser multiplicados, *ad infinitum*, vindos de todos os cantos do planeta.

Diante da citação acima (1949) e dos acontecimentos destacados, percebemos Miles, em meio ao dilema entre cumprir a promessa feita ao Homem-Aranha (Peter Parker) e o medo de falhar, que o leva ao questionamento sobre ser capaz de impedir o vilão. No entanto, a aparição do até então desconhecido Homem-Aranha (Peter B. Parker) conduz Miles novamente ao “chamado da aventura”, que, como aponta Campbell (1949), denota o destino, convocando o herói. Neste caso, Miles Morales já não vivencia apenas o cotidiano comum como um adolescente, encontrando-se, pois, no caminho de uma aventura desconhecida e parte para novas descobertas e desafios.

⁴³ No filme, sempre que uma nova versão do Homem-Aranha de um outro universo surge, um pequeno resumo apresenta para o telespectador esse novo herói ou heroína, o que ocorrerá novamente em outros momentos do filme, uma vez que, é disto que se trata também o filme *Homem-Aranha no Aranhaverso (2018)*, apresentar novas e diferentes versões desconhecidas do mesmo herói aracnídeo para o grande público.

⁴⁴ Entre os poderes ou habilidades características do herói Homem-Aranha, estão: força sobrehumana e agilidade, fatores regenerativos e capacidade de escalar paredes, disparadores de teia que permitem cobrir longas distâncias em poucos minutos. No entanto, a versão de Miles Morales conta com a habilidade de Camuflagem-Aranha, que permite a Miles camuflar-se com os arredores e a capacidade de disparar “Rajadas de veneno” através das quais consegue emanar um choque bioelétrico, citado na descrição no parágrafo no minuto 34min15seg ao minuto 40min27seg.

Figura 11: Miles e Peter B. Parker com seus respectivos “trajes”.



Fonte: Homem-Aranha no Aranhaverso (2018)

Na sequência do minuto 40min40seg ao minuto 45min30seg, Miles consegue concluir sua fuga e prender o desconhecido Homem-Aranha (Peter B. Parker) para interrogá-lo. Peter B. Parker acorda, mas encontra-se amarrado ao mesmo tempo que é encarado por Miles, quando percebe, através do seu “sentido aranha”, que ele e Miles são iguais. Miles, por sua vez, começa a fazer uma série de perguntas e conclusões para entender a origem do Homem-Aranha (Peter B. Parker), e logo conclui que o Homem-Aranha (Peter B. Parker), é na verdade uma versão de outro universo paralelo, e anima-se ao perceber que, sendo também um herói, Peter B. Parker pode ensiná-lo o que o herói Homem-Aranha falecido havia prometido ensinar. No entanto, o novo Homem-Aranha (Peter B. Parker) mostra-se resistente à ideia e inicialmente recusa ser “Treinador de Homem-Aranha”. Miles insiste que Peter B. Parker deve ajudá-lo e consegue convencê-lo. Ambos, Miles e Peter, seguem juntos em busca de encontrar os Laboratórios Alchemax, para invadir e conseguir as informações necessárias para consertar a “chave de sistema”.

Segundo Campbell (1949, p. 33), “há nessas aventuras uma atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia”. Neste sentido, percebemos Peter B. Parker como esta figura que servirá de “guia” para Miles neste início da aventura heroica.

Partindo do minuto 46min40seg até o minuto 54min09seg, já nas proximidades dos Laboratórios Alchemax, onde havia ficado de vigia a mando de Peter B. Parker, Miles percebe a chegada do Rei do Crime, e apressa-se em avisar ao Homem-Aranha. Juntos e escondidos, presenciam uma conversa entre a cientista Dra. Olivia Octavius, responsável por executar os planos do vilão, e o próprio Rei do Crime (Wilson Fisk). Aguardando até o

momento propício, Miles e Peter B. Parker adentram na sala da cientista Octavius para encontrar as informações necessárias e consertar a “chave de sistema”. Dentro da sala da cientista, Miles descobre mais uma de suas novas habilidades, a Camuflagem-Aranha, a empolgação com a descoberta do novo poder dura pouco minutos, pois ambos são interrompidos pela entrada da cientista na sala e precisam distraí-la, no entanto, a mesma revela ser a vilã Doutora Octopus, e Peter e Miles precisam fugir.

Durante a fuga, Peter B. Parker decide “ensinar”, de uma maneira improvisada, a primeira lição a Miles: como lançar teia, enquanto são perseguidos pela vilã. A princípio, Miles fica aborrecido com as instruções de Peter B. Parker, mas, aos poucos, o jovem consegue acompanhar o ritmo do Homem-Aranha. Em meio à adrenalina do momento, o Homem-Aranha (Peter B. Parker) declara que ele e Miles são uma dupla e que se sente orgulhoso de ambos.

Franco Cambi (1999, p. 76-77) destaca os seguintes aspectos sobre a educação na Grécia arcaica, a ocorrência de uma “relação pessoal entre mestre e aluno”, com a intenção de “formação do jovem guerreiro através de uma amizade (até carnal) com um guerreiro mais velho que funcionava como treinador e guia”; a exaltação do trabalho e práticas de iniciação para “crescimento e inserção das jovens gerações na sociedade adulta”; treinamentos de combate que favoreciam o desenvolvimento da força, astúcia e inteligência, bem como, a “leitura educativa do poema homérico”, como texto de formação das classes dominantes.

Na perspectiva mencionada no parágrafo anterior, comparamos a educação apontada por Cambi (1999) a sequência descrita no minuto 46min40seg até o minuto 54min09seg, onde ocorrem as primeiras instruções do treinamento de Miles, por seu agora guia Homem-Aranha (Peter B. Parker). Destacamos primeiramente que, apesar de existir uma relação de mestre e aluno, esta ocorre em um nível de relacionamento íntimo diferente da educação grega, focado apenas na parceria entre heróis e no treinamento de habilidades; em segundo lugar, destacamos o próprio treinamento de Miles, iniciado de forma improvisada e mediante uma situação de perigo e sob pressão, divergindo das práticas de iniciação e treinamentos de combate da educação heroica na Grécia arcaica, uma vez que Miles precisa executar suas lições de treinamento ao mesmo tempo em que foge do inimigo, neste caso, a vilã Doutora Octopus.

Na sequência do minuto 54min24seg a 1h03min55seg, Miles consegue entender as instruções e combinar suas habilidades com as de seu mentor Peter B. Parker, mas continuam alvos da perseguição da Doutora Octopus, até serem salvos por uma outra nova versão do

Homem-Aranha, que, para o espanto de ambos, trata-se de Gwen Stacy⁴⁵, versão feminina do herói, também de outro universo paralelo, que veio parar no universo de Miles em decorrência dos planos do vilão Rei de Crime. Juntos, Gwen Stacy, Miles e Peter B. Parker seguem para casa de tia May, a tia do Homem-Aranha (Peter Parker) morto, encontrando a ajuda necessária para consertar a “chave de sistema” e onde são apresentados a mais três versões bem diferentes do Homem-Aranha: Homem-Aranha Noir (Peter Parker), Peni Parker e Peter Poker⁴⁶. Reunidos, os heróis-aranhas conversam sobre como voltar para seus respectivos universos, algo que somente será possível se um deles permanecer no mesmo universo de Miles. No entanto, Miles intervém e fala sobre a possibilidade de morte do herói que ficar em seu universo, afirmando que ele será o responsável por desligar o “Supercolisor” e enviar os heróis de volta às suas casas e lembra de sua promessa.

De acordo com Campbell (1949, p. 46), “A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer”. Desse modo, observamos a “passagem por um limiar”, apresentada por Campbell (1949) como uma das etapas na jornada do herói, em que o aventureiro parte do seu mundo conhecido para um mundo em que irá encontrar limites e regras desconhecidas, bem como grandes perigos que precisam de “competência e coragem”. Para Miles, esse “limiar” encontra-se respectivamente: (1) no primeiro momento, em que Miles aceita e entende as instruções de seu mentor Peter B. Parker; e (2) no segundo momento, no qual Miles assume para si a responsabilidade de salvar todos, aceitando o desafio para se tornar de fato o novo Homem-Aranha.

⁴⁵ Gwen Stacy, a Mulher-Aranha, conhecida também como Gwen-Aranha é a primeira versão feminina a aparecer no filme, sendo a segunda Peni Parker.

⁴⁶ Homem-Aranha Noir (Peter Parker) versão em preto e branco do herói, em seu universo o ano é 1933; Peni Parker, outra versão feminina, ao contrário das versões anteriores, as habilidades aracnídeas de Peni demonstram-se por meio de uma ligação entre ela e uma aranha que vive dentro do robô do seu pai; e Peter Poker é a versão antropomórfica do herói, que possui a forma de um porco.

Figura 12: Miles sob a pressão dos heróis.



Fonte: Homem-Aranha no Aranhaverso (2018)

Continuando, na sequência 1h04min00seg a 1h09min50seg, Miles é apoiado em seu discurso de salvação por Peter B. Parker, que exalta os poderes do seu pupilo, contudo, Miles não consegue realizar uma demonstração dos poderes, pois ainda não consegue controlá-los. Neste momento, os heróis confrontam Miles com uma série de perguntas e golpes, para testar a sua possibilidade de conseguir derrotar o vilão. Miles vai ao chão sem sucesso de defesa. Sob a pressão dos heróis e decepcionado, o jovem vai embora e segue para casa de seu tio Aaron, onde tem uma surpresa desagradável ao descobrir que o tio a quem tanto admira é na verdade o vilão Gatuno, que trabalha para o Rei do Crime.

Na sequência de 1h10min27seg a 1h15min20seg, Miles, assustado, volta para casa de tia May, para contar sobre sua descoberta, no entanto, Miles foi seguido e logo a equipe de heróis Aranhas é atacada pelos capangas do Rei do Crime. Uma luta inicia-se. Miles é encurralado pelo tio Aaron (Gatuno), o que o obriga a tirar sua máscara de Homem-Aranha e revelar-se ao tio. Recusando-se a seguir as ordens do Rei do Crime e matar o próprio sobrinho, Aaron Davis (Gatuno) torna-se a vítima fatal do Rei do Crime. Miles é forçado a fugir até um beco, carregando o corpo ferido do tio, que, em seus últimos momentos de vida, pede perdão ao jovem herói. Surpreendido pela chegada de seu pai ao beco, utiliza de sua Camuflagem-Aranha para escapar do local. Ao perceber que o corpo no chão é o de seu irmão Aaron Davis, o pai de Miles chora e alerta os seus parceiros policiais contra o novo Homem-Aranha, sem saber que o novo herói é na verdade seu filho.

Para Campbell (1949, p. 62),

A partida original para a terra das provas representou, tão-somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação. Cumpre agora matar dragões e ultrapassar surpreendentes barreiras repetidas vezes. Enquanto isso, haverá uma multiplicidade de vitórias preliminares, êxtases que não se podem reter e relances momentâneos da terra das maravilhas.

Destacamos aqui, os testes e provações aos quais Campbell (1949) refere-se, que seriam as forças positivas e negativas com as quais o herói depara-se em seu caminho de provas, ou seja, os aliados e inimigos que deve enfrentar como preparação e transformação para a luta final. Neste sentido, o caminho de provas ao qual Miles encontra-se está no filme representado (1) primeiro pela falta de controle e conhecimento de seus poderes e habilidades; (2) segundo, pelo fato de não estar preparado para impedir o vilão que acarreta na descrença de seus parceiros heróis na sua capacidade de lutar; e, em (3) terceiro, na descoberta de que seu tio é um vilão, agravada pela morte repentina.

Na sequência 1h16min29seg a 1h22min33seg, Miles está em seu dormitório no colégio. Revoltado pela morte de seu tio, o jovem quebra e joga objetos por todos os lados, quando é interrompido pela equipe de heróis-aranhas, que adentram no quarto e o confortam. Em seguida, Gwen Stacy, Homem-Aranha Noir (Peter Parker), Peni Parker e Peter Parker despedem-se de Miles, mas Peter B. Parker permanece para conversar e dizer que Miles não irá para a missão com a equipe de heróis. Miles questiona seu treinador e afirma que está pronto e que precisa “Fazer o Rei do Crime pagar”, mas Peter B. Parker confronta e ataca Miles, pedindo para que use os poderes para defender-se, mas Miles não consegue revidar.

Peter B. Parker prende Miles enrolado por teia em uma cadeira, ao mesmo tempo em que diz saber o quanto Miles deseja cumprir sua missão como Homem-Aranha, mas que o jovem ainda não está pronto. Miles, então, pergunta ao seu mentor: “Quando vou saber que eu sou o Homem-Aranha”; Peter responde: “Não vai, você tem que sentir. Simples assim Miles, tem que sentir”, e parte, deixando seu pupilo.

Em seguida, o pai de Miles, o policial Jefferson Davis, chega ao dormitório do filho para comunicar da morte de seu irmão, pedindo para que Miles abra a porta, mas ele ainda se encontrava preso à cadeira. Sem entrar no quarto, o pai de Miles desabafa sobre a admiração que tem pelo filho e pede para que Miles ligue para ele, para que possam conversar, em seguida, vai embora. Miles, tocado pela fala de seu pai, respira e concentra-se para juntar forças e controlar os seus poderes, e, com sucesso, liberta-se.

Como um dos passos que o herói deve percorrer em sua jornada, Campbell (1949), apresenta “A sintonia com o pai”, e aponta que

O problema do herói que vai ao encontro do pai consiste em abrir sua alma além do terror, num grau que o torne pronto a compreender de que forma as repugnantes e insanas tragédias desse vasto e implacável cosmo são completamente validadas na majestade do Ser. O herói transcende a vida, com sua mancha negra peculiar e, por um momento, ascende a um vislumbre da fonte. Ele contempla a face do pai e compreende. E, assim, os dois entram em sintonia. (CAMPBELL, 1949, p. 81)

Pela perspectiva acima (1949) citada, percebemos esta fase como o conflito com o elemento ou ser que exerce poder sobre a vida do herói, que pode, para além de uma figura literalmente paterna, ser seus medos e questionamentos interiores, que devem ser superados como forma de preparação para encarar o fim da sua jornada heroica. Para Miles, esta fase mostra-se tanto no momento em que seu mentor Peter B. Parker declara que o jovem não está pronto para a batalha final contra o vilão, como quando Miles escuta seu pai através da porta. Ambos os momentos não têm possibilidade de reação, sendo esta uma pausa essencial para que Miles reflita sobre seu conflito interior, que podemos interpretar como o medo de assumir sua identidade como Homem-Aranha e a relação com seu pai, que, apesar de não ser conflituosa, gera em Miles o receio relacionado à reação de seu pai. O momento de “sintonia”, por sua vez, ocorre através de uma transformação psicológica, quando Miles reflete sobre a fala de seu mentor referente a sentir que está pronto e que seu pai o admira, para enfim ocorrer a superação do principal obstáculo de Miles, a dúvida sobre si mesmo.

Figura 13: Miles sente que é o Homem-Aranha.



Fonte: Homem-Aranha No Aranhaverso (2018).

A partir da sequência de 1h22min40seg a 1h24min50seg, as cenas seguintes mostram, de forma alternada, Miles determinado a colocar seus poderes à prova e dirigindo-se em direção à casa de tia May, onde ela, como se previsse o seu retorno, diz a Miles: “Não demorou muito”. À medida que a cena seguinte mostra Miles indo em direção a um prédio,

pode-se se ouvir a voz do pai de Miles no discurso que fez ao jovem no dormitório⁴⁷. Outra cena mostra Miles encarando o uniforme do Homem-Aranha, sequestrando, com um spray de tinta na mão, Miles personaliza aquele que será seu traje, nas cores preto e vermelho.

Simultaneamente, ouve-se a voz da mãe de Miles, Rio, que fala: “Nossa família não foge das coisas”, e a voz do tio Aaron ao dizer: “Você é o melhor de nós, Miles, tá no caminho certo, vá em frente”. Em seguida, Miles está no alto de um prédio; ouve-se, dessa vez, a conversa entre Miles e Peter B. Parker, na qual o mentor diz para Miles que ele precisa sentir que é o Homem-Aranha, e, então, Miles salta do prédio. À medida em que cai em queda livre, Miles lembra de tia May ao entregar os lançadores de teia, e prontamente faz uso, ainda tentando se equilibrar entre lançar teia e saltar entre carros e prédios. Miles sente a adrenalina de seus atos e, satisfeito com sua superação, segue para a missão.

Campbell (1949, p. 82) comenta que

aqueles que sabem, não apenas que o Eterno vive neles, mas que eles mesmos, e todas as coisas, são verdadeiramente o Eterno, habitam os bosques de árvores que atendem aos desejos, bebem o licor da imortalidade e ouvem, em todos os lugares, a música silenciosa da harmonia universal.

Segundo a citação acima (1949), podemos interpretar que esta fase da jornada do herói remete à superação de obstáculos, tratando-se da compreensão profunda sobre si, sobre seu propósito e suas habilidades, alcançando esse estado de “harmonia universal”, que será primordial em sua preparação para enfrentar aquela que será a parte mais difícil de sua aventura heroica. Na sequência descrita acima, Miles encontra-se exatamente nesse estado de “harmonia universal”, conciliando as vozes daqueles que serviram de conforto e guia para enfim controlar seus poderes e conhecer suas habilidades como Homem-Aranha. O jovem entra em estado de êxtase e glorificação de seu destino como herói.

Na sequência de 1h25min00seg a 1h30min10seg, a equipe heróis segue na missão de impedir o Rei do Crime. Infiltrados em um evento, os heróis conseguem chegar ao local onde o vilão e a Doutora Octopus iniciam o “Supercolisor”, mas, ao tentarem impedir o pleno funcionamento da máquina, são atacados pelos capangas do Rei do Crime. Neste momento, Miles entra em ação e ajuda primeiramente seu mentor Peter Parker, que está sob ataque da Doutora Octopus. A equipe de heróis fica feliz ao perceber que Miles finalmente consegue controlar seus poderes, e Peter B. Parker declara o seu orgulho por Miles. Paralelamente, a

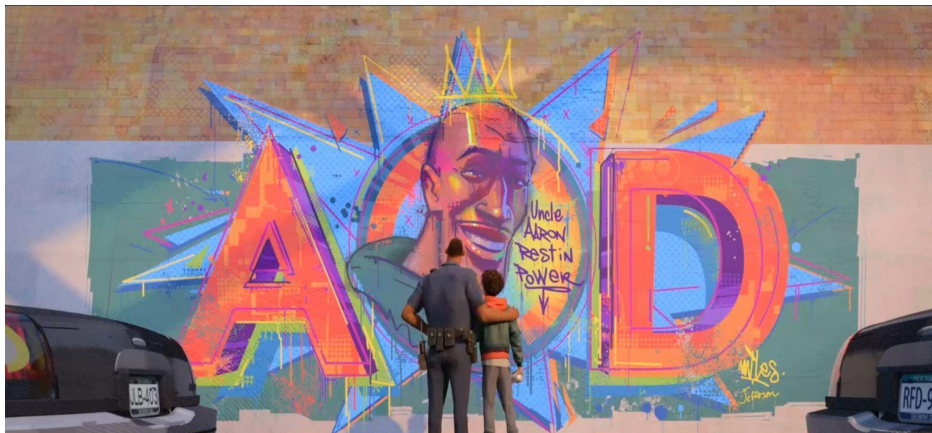
⁴⁷ Mencionado no segundo parágrafo da descrição da sequência 1h16min29seg a 1h22min33seg, no qual o pai de Miles diz: “E que eu vejo esse brilho em você, é incrível, pode fazer coisas ótimas com esse dom”.

cidade sofre os efeitos do “Supercolisor”, e vemos o pai e a mãe de Miles preocupados com a falta de notícias do filho, enquanto tentam ajudar as pessoas ao seu redor.

Continuando na sequência de 1h33min20seg a 1h41min30seg, Miles consegue reverter o efeito do “Supercolisor” com a “chave de sistema”, ajudando seus amigos heróis a voltarem para seus respectivos universos. Em meio à despedida entre Miles e Peter B. Parker, o Rei do Crime surge furioso e Peter quer impedi-lo enquanto Miles desliga a máquina, mas Miles não deixa e insiste que seu mentor volte para sua dimensão, alegando que não pode deixar outro Homem-Aranha morrer. Peter entende e aceita voltar para sua casa. Miles é atacado pelo Rei do Crime, ao mesmo tempo que tenta alcançar o botão que desliga o “Supercolisor”. O pai de Miles chega ao local da luta entre o novo Homem-Aranha (Miles) e o Rei do Crime, e solicita reforço policial. Com os constantes ataques do Rei do Crime, Miles vai ao chão, mas, de longe, vê seu pai, que grita torcendo para que o Homem-Aranha, no caso o próprio Miles, levante-se. O herói une forças e consegue lançar uma “Rajada de veneno” contra o vilão, e desligar o “Supercolisor”. Miles cumpre a promessa que havia feito ao Homem-Aranha (Peter Parker), com o êxito de sua missão.

Para Campbell (1949, p. 96), em sua aventura, o herói busca “o poder da substância sustentadora”, uma “benção última”, que para o autor pode ser como “a energia miraculosa dos relâmpagos de Zeus, de Jeová e do Supremo Buda, a fertilidade da chuva de Viracocha, a virtude anunciada pelo sino tocado na missa no momento da consagração”, benção que é somente concedida àqueles que se mostram dignos dela, ou seja, aqueles que conquistaram o objetivo principal de seu chamado. Por tudo que citamos acima, na aventura heroica de Miles, interpretamos essa “benção última” como a efetivação positiva de sua missão e de sua promessa, que, por sua vez, marca o nascimento do jovem herói.

Figura 14: Miles e seu pai admiram grafite em homenagem a Aaron Davis.



Fonte: Homem-Aranha No Aranhaverso (2018).

Na sequência de 1h41min56seg a 1h43min52seg, Miles liga para o seu pai com o intuito de tranquilizá-lo. Ambos lamentam a morte de Aaron Davis, e o pai de Miles sugere que ele e o filho procurem um muro para Miles “pichar a sua arte”. Ainda com o traje de Homem-Aranha, Miles decide falar com seu pai, sem revelar sua verdadeira identidade e diz esperar trabalhar com o policial, que concorda. Em seguida, Miles despede-se indicando para o policial Davis o vilão Rei do Crime preso a uma teia gigante entre os prédios e parte caminhando entre as pessoas, enquanto é aclamado.

Pela descrição acima, destacamos o que diz Campbell (1949, p. 114) sobre o fim da jornada do herói, na qual este vai de encontro ao mundo desconhecido do chamado da aventura precisa, após alcançar a benção tão desejada, assumir a responsabilidade de retornar e fazer bom uso da graça conquistada, uma vez que, “a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos”.

Na sequência final de 1h43min55seg a 1h45min24seg, assim como aconteceu com as outras versões do herói, há uma apresentação oficial para o novo Homem-Aranha (Miles Morales), na qual Miles fala de suas conquistas: escreveu a redação solicitada pela professora de Física⁴⁸, salvou pessoas, grafitou um muro com seu pai, apresentou-se ao colega de quarto, fez amizade com os heróis Aranhas. Miles menciona que nunca pensou realizar todas as conquistas anteriormente mencionadas, mas destaca que consegue e encerra com a seguinte fala: “Qualquer um pode usar a máscara. Você pode usar a máscara⁴⁹, e se você não sabia disso, agora sabe. Eu sou o Homem-Aranha, e eu não sou o único, nem de longe.”. O filme

⁴⁸ Referente ao final da sequência encontrada no minuto 6min36seg ao minuto 8min56seg.

⁴⁹ A máscara a qual Miles refere-se é a máscara de Homem-Aranha.

termina com Miles deitado com fones de ouvido novamente⁵⁰ ao som da música de *Sunflower* dos *rappers* Post Malone e Swae Lee; é possível ouvir a voz de Gwen Stacy através de uma espécie de portal que se abre sobre Miles.

Observamos ainda no tocante à jornada do herói em Campbell (1949, p. 130), que destaca sobre “a liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, [...] que não contamina os princípios de uma com os da outra e, no entanto, permite à mente o conhecimento de uma delas em virtude do conhecimento da outra — é o talento do mestre”.

Por tudo que comentamos acima, identificamos o retorno de Miles ao “mundo comum” após concluir sua missão, conciliando sua identidade civil como o adolescente Miles Morales e sua identidade secreta como o Homem-Aranha, à medida que utiliza de suas habilidades para salvar pessoas.

Retomamos aqui, o conceito de identidade com base em Hall (2006), comentado anteriormente⁵¹, relacionando ao processo de identificação que Miles viveu ao longo do filme. É através desse mesmo processo de identificação que o jovem encontra equilíbrio entre escola, família, cultura e identidade secreta, que podemos observar nas cenas⁵² que retratam Miles grafitando, agora na companhia de seu pai, adaptando-se ao ensino da nova escola e seguindo sua rotina como novo herói, que resulta na construção da identidade social de Miles.

No que se refere às sequências selecionadas e analisadas acima, destacamos os processos de identificação, identidade e cultura presentes na personalidade do personagem Miles Morales, que ao longo do filme (2018) vivencia o dilema de assumir o alter-ego de Homem-Aranha. Ressaltamos, ainda, que a jornada do herói como um Homem-Aranha negro, é uma possibilidade de construção cultural respeitosa de um personagem jovem, negro e de origem latina. Por fim, os sentimentos demonstrados pelo personagem durante o filme (2018) não foram ignorados e/ou menosprezados, mas ganharam novos contornos de autoconhecimento de identidade adolescente através da superação dos desafios apresentados.

⁵⁰ Referente a cena inicial do filme, na qual Miles está em seu quarto desenhando e ouvindo a mesma canção.

⁵¹ Comentado anteriormente na página 42.

⁵² Presente na sequência final de 1h43min55seg a 1h45min24seg.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À título de conclusão, diante do que foi abordado anteriormente, foi possível compreender a relevância dos Estudos Culturais como campo investigativo interdisciplinar da cultura e das relações culturais, bem como assimilar o caráter político cultural desses estudos, que visam ao campo das práticas sociais e dos produtos da cultura popular.

Possibilitou-nos ainda discutir e perceber que os produtos da cultura popular, como as produções filmicas, estão diretamente relacionados às questões de representatividade, construção de identidades e cultura. Neste sentido, foi possível entender a cultura como aspecto relevante de formação identitária do indivíduo na sociedade.

Para além disso, proporcionou-nos assimilar a questão da representatividade de personagens negros em produções para o cinema, além de conhecer como determinadas produções filmicas podem reforçar a desigualdade racial e os estereótipos negativos construídos socialmente e historicamente, que deslegitimam vivências e especificidades de seus personagens. Também foi possível destacar alguns filmes que vão na contramão da perspectiva mencionada anteriormente, como produções com abordagem significativa e protagonismo relevante, na frente ou atrás das câmeras.

Por fim, a realização dessa pesquisa possibilitou-nos discutir e compreender a cultura e a identidade, na esfera dos estudos culturais, bem como refletir sobre o papel da representatividade negra e juvenil na sociedade atual e o cinema. Deste modo, o filme *Homem-Aranha no Aranhaverso* (Dir. Bob Persichetti, Peter Ramsey e Rodney Rothman, 2018) traz para o cinema um protagonista jovem e negro de ascendência latina, em uma narrativa na qual suas especificidades culturais e sociais são representadas fora dos padrões estereotipados, oportunizando conhecer não só a trajetória do alter ego “Homem-Aranha” até o surgimento do personagem Miles Morales, como também refletir sobre a relevância da adaptação de um personagem negro e latino para o cinema no referente à representatividade negra.

No tocante à cultura pop na contemporaneidade, pudemos ponderar o impacto de um personagem heróico, jovem e negro sobre jovens e adultos na questão de identificação e, nos próprios estudos culturais, em relação às discussões atuais sobre representatividade e sua relevância na quebra de paradigmas tradicionais de uma sociedade elitista.

Como desfecho desta pesquisa monográfica, ressaltamos que o filme (2018) em questão, apresenta-se como uma perspectiva de um futuro em que as diversidades

intrinsecamente humanas sejam representadas através de uma pauta que não esteja relacionada à marginalização dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALIAGA, V. Homem-Aranha de Miles Morales: Origem, poderes e mais. **IGN Brasil**, 08 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://br.ign.com/marvels-spider-man-miles-morales/85310/feature/homem-aranha-de-miles-morales-origem-poderes-e-mais>>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. In: _____. *Feminismos Plurais*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da educação**. 3ª. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ASSIS, E. G. Os títulos do Homem-Aranha. **Omelete**, 09 de maio de 2002. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/homem-aranha/os-titulos-do-homem-aranha>>. Acesso em: 30 nov. 2022.
- BITTENCOURT, M. Representatividade no cinema: a falta de protagonismo negro nas telonas. **Jornalismo Júnior**, São Paulo, 12 de dez. de 2020. Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/representatividade-no-cinema-a-falta-de-protagonismo-negro-nas-telonas/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1949.
- COLEMAN, R. M. Estamos na era de ouro dos filmes de terror negro. **The Conversation**, 29 de maio de 2019. Disponível em: <<https://theconversation.com/were-in-a-golden-age-of-black-horror-films-116648>>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- COSTA, M. V; SILVEIRA, R. H; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, p. 36-61, 2003.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 9, p. 87-97, dez., 1998.
- FLORES, B. de F. **HELLO, MY NAME IS MILES MORALES**: representações do herói negro protagonista em Homem-Aranha no Aranhaverso (2018). 2022. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social — Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: _____. **Educação e Realidade**, jul./dez., p. 15-46, 1997.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HISTÓRIAS Cruzadas: Por que o filme com Viola Davis recebeu tantas críticas negativas? **RollingStone**, 2021. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/cinema/historias-cruzadas-por-que-filme-com-viola-davis-rec-ebeu-tantas-criticas-negativas/>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

“MARTE UM” é o 1º filme de um diretor preto que representa o Brasil no Oscar. **Cinematório**, 05 de set. de 2022. Disponível em: <<https://www.cinematario.com.br/2022/09/marte-um-e-o-1o-filme-de-um-diretor-preto-que-representa-o-brasil-no-oscar/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MATTOS, G. Homem-Aranha: Todas as séries animadas do herói e onde assisti-las. **Legião dos Heróis**. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/homem-aranha-todas-animacoes.html>>. Acesso em: 05 dez. 2022.

REININGER, D. Conheça todas as versões ‘Homem-Aranha’ nas telas. **Cine Click**, 16 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://cineclick.uol.com.br/listas/conheca-todas-as-versoes-homem-aranha-nas-telas>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SANTIAGO, L. Entenda melhor: Cronologia e publicações de Homem-Aranha. **Plano Crítico**, 08 de jul. de 2017. Disponível em: <<https://www.planocritico.com/entenda-melhor-cronologia-e-publicacoes-do-homem-aranha/>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

TUDO sobre Homem-Aranha. **Omelete**, 2022. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/homem-aranha>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

VALLE, C. F. R.; TELLES, V. O mito do conceito do herói. **Revista Eletrônica do ISAT**, v. 2, edição 1. Dez., p. 1-6, 2014. Disponível em: <https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2022.

VIANA, T. Conheça a trajetória e os marcos do Cinema Negro: Entenda a importância do gênero e as abordagens dos negros nas telas. **Cine Click**, 20 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://cineclick.uol.com.br/noticias/trajetoria-marcos-cinema-negro>>. Acesso em: 25 nov. 2022.